ESPIRITISMO
e Política

Então lhes disse: "Dai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus." — JESUS

(*Mateus*, 22:21- Bíblia de Jerusalém)

FEB
Federação Espírita Brasileira

ESPIRITISMO E POLÍTICA

Então lhes disse: "Dai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus." — Jesus
(*Mateus*, 22:21- Bíblia de Jerusalém)

Marta Antunes Moura – Organizadora

FEB

Copyright © 2022 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 9/2022

ISBN 978-65-5570-440-2

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6161

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6161 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946-

Espiritismo e política / Marta Antunes de Oliveira de Moura (organizadora). - 1. ed. - Brasília: FEB, 2022.

160 p.; 15,5 cm

Inclui referências

ISBN 978-65-5570-440-2

1. Espiritismo – Sociedades – Política 2. Ciências sociais. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 31.02.00

Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

(*Mateus*, 7:12.)

SUMÁRIO

Apresentação.....*7*
Espiritismo e Política.....*10*

Mensagens de Allan Kardec.....**14**

Mensagens mediúnicas.....**65**

Médium: Francisco Cândido Xavier..... **66**
Mensagens do Espírito Emmanuel.....66
Mensagens do Espírito Humberto de Campos (Irmão X).....89
Mensagens do Espírito André Luiz.....92
Mensagem do Espírito Ruy Barbosa 104
Mensagem do Espírito G (um político desencarnado) 113

Médium: Divaldo Pereira Franco.....**121**
Mensagens do Espírito Joanna de Ângelis 121
Mensagens do Espírito Vianna de Carvalho.... 132
Mensagem do Espírito Manoel Philomeno de Miranda 140

Médium: Waldo Vieira.....**149**
Mensagens do Espírito André Luiz.....149

Referências.....*155*

APRESENTAÇÃO

Não é nova a ideia de selecionar textos espíritas relacionados à temática *Espiritismo e Política*, agrupá-los na forma de um simples opúsculo destinado ao Movimento Espírita, a fim de que, por meio de uma leitura ágil, seja possível refletir a respeito do assunto, tal como foi sugerido na reunião ordinária de 2022, da Comissão Regional Centro, do Conselho Federativo da Federação Espírita Brasileira (CFN/FEB).

Em 1934, a diretoria da FEB publicou um opúsculo, então denominado *Espiritismo e Política*, durante a gestão de Guillon Ribeiro (1875-1943), em atendimento ao "crescente afluxo de consultas das entidades adesas e das individuais", a respeito do assunto, segundo palavras de Manuel Quintão (1874-1955) – que também fora presidente da FEB – inseridas na introdução do pequeno livro.

Em 2014, a FEB publica o livro *Espiritismo e política,* de autoria do confrade de Aylton Paiva (1937), que transmite contribuições para a evolução do ser e da sociedade, oferece reflexões sobre a visão espiritual e social da Humanidade. É um livro para ser estudado comparando-se com o capítulo de *O livro dos Espíritos* a que se refere, o que pode ser feito individualmente ou em grupos de pessoas interessadas. Este estudo surgiu das reflexões sobre o relacionamento da Doutrina Espírita com as Ciências Sociais e entre elas, a Política, que tanta influência tem na organização social.

Sem guardar a pretensão de ter esgotado o assunto, o atual opúsculo disponibiliza aos leitores algumas reflexões transmitidas por Espíritos orientadores a respeito do assunto, tão importante quanto necessário, que, analisado à luz do Espiritismo, oferece subsídios para melhor compreender a vida em sociedade, suas instituições, anseios, expectativas, assim como os desvios e abusos do poder político-administrativo e econômico. Ante

tais esclarecimentos o ser humano passa a agir de forma proativa, mais assertiva, contribuindo na construção de um mundo melhor, de acordo com os ditames da Lei de Amor ensinada por Jesus.

ESPIRITISMO E POLÍTICA

A palavra política refere-se a quatro conceitos básicos: "1ª) a doutrina do direito e da moral; 2ª) a teoria do Estado; 3ª) a arte ou a ciência do governo; 4ª) o estudo dos comportamentos intersubjetivos":[1]

> 1ª) O primeiro conceito foi exposto em *Ética* de Aristóteles. A investigação em torno do que deve ser o bem e o bem supremo, segundo Aristóteles, parece pertencer à ciência mais importante e mais arquitetônica:" Essa ciência parece ser a Política. Com efeito, ela determina quais são as ciências necessárias nas cidades, quais as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto [...]."
> 2ª) O segundo significado do termo foi exposto em *Política* de Aristóteles: "Está claro que existe uma ciência a qual cabe indagar qual deve ser a melhor constituição; qual a mais apta a satisfazer nossos ideais sempre que não haja impedimentos externos, e qual a que se adapta às diversas condições em que possa ser colocada em prática. [...]"

> 3ª) A política como arte e ciência de governo é o conceito que Platão expôs e defendeu em *Político*, com o nome de "ciência régia" [...] e que Aristóteles assumiu como *terceira* tarefa da ciência política: "Um terceiro ramo da investigação é aquele que considera de que maneira surgiu um governo e de que maneira, depois de surgir, pôde ser conservado durante o maior tempo possível. [...]"
> 4ª) Finalmente, o quarto significado de Política começou a ser usado a partir de Comte, e identifica-se com o de sociologia. Comte deu o nome de *Sistema de Política Positiva* [...], pois julgou que os fenômenos políticos, tanto em coexistência quanto em sucessão, estão sujeitos a leis invariáveis, cujo uso pode permitir influenciar esses mesmos fenômenos.[2]

Esses conceitos estão analisados de forma mais ou menos extensa nas mensagens espíritas que integram este opúsculo, indicando que serviram de critério para a seleção das mensagens. Importa considerar, porém, que procurou-se aliar o desenvolvimento dos assuntos presente em cada texto com as ideias que circulam na sociedade humana, do passado e presente para, a partir desse ponto, projetar o que

está reservado à sociedade terráquea por determinação divina, de acordo com os postulados da Doutrina Espírita, assim sintetizados: o ser humano, independentemente da sua posição evolutiva, está submetido, hoje e sempre, à *Lei de Justiça, Amor e Caridade*: "A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um".[3] Tais direitos que são determinados pela *lei humana*:" [...] Tendo os homens elaborado leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, elas estabeleceram direitos que variam conforme o progresso das luzes [...]";[4] e pela *lei natural*, assim ensinado pelo Espiritismo: "O Cristo vos disse*: Desejai para os outros o que quereríeis para vós mesmos*. Deus imprimiu no coração do homem a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um veja respeitados os seus direitos."[5]

O amor em ação está nitidamente expresso na prática da caridade que extrapola a simples filantropia, como ensina a Doutrina Espírita: "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas."[6]

> O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe

todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; abrange todas as relações com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque nós mesmos precisamos de indulgência; ela nos proíbe humilhar os desafortunados, ao contrário do que comumente fazemos. Quando uma pessoa rica se apresenta, todas as atenções e deferências se voltam para ela; se for pobre, é como se não nos devêssemos incomodar com ela. Entretanto, quanto mais lastimável for a posição da pessoa, maior deve ser o cuidado em não lhe aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.[6]

MENSAGENS DE ALLAN KARDEC

(Codificação Espírita)

A CARIDADE, RESUMO DA LEI

Não deveis nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois, quem ama o outro cumpriu a Lei! De fato, os preceitos: Não cometerá adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e todos os outros se resumem nesta sentença: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. A caridade não pratica mal contra o próximo. Portanto a caridade é a Plenitude da Lei.

Paulo de Tarso
(*Romanos*, 13: 8-10 - Bíblia de Jerusalém)

O PARTIDO ESPÍRITA[7]

Por Anatole de la Forge

Bem que os espíritas se consideravam uma escola filosófica, mas nunca lhes tinha vindo à mente se julgar um *partido*. Ora, eis que um belo dia o *Moniteur* lhes dá esta notícia, que os surpreendeu um pouco. E quem foi que lhes deu esta qualificação? Foi um desses jornalistas inescrupulosos, que lançam epítetos ao acaso, sem lhes compreender o alcance? Não; é um relatório oficial, feito ao primeiro corpo do Estado, ao Senado. Assim, não é provável que, num documento dessa natureza, essa palavra tenha sido pronunciada levianamente. Sem dúvida não foi a benevolência que a ditou, mas foi dita e faz sucesso, porque os jornais não a deixaram cair. Alguns, crendo aí encontrar um agravo a mais contra o Espiritismo, nada tiveram de mais urgente do que estampar em suas colunas o título de: *O Partido Espírita*.

Assim, esta pobre escolinha, tão ridicularizada, tão humilhada, que caridosamente pretendiam enviar em massa ao hospício; sobre a qual diziam que bastava soprar para que ela desaparecesse; que vinte vezes a declararam morta e para sempre enterrada; à qual não há mais fino escritor hostil que não se tenha gabado de lhe haver dado o golpe de misericórdia, mas concordando, com estupefação, que ela invadia o mundo e todas as classes da sociedade; da qual quiseram, a todo custo, fazer uma religião, gratificando-a com templos e sacerdotes, grandes e pequenos, que ela jamais viu, ei-la de repente transformada em partido. Por esta qualificação, o Sr. Genteur, o relator do Senado, não lhe deu o seu verdadeiro caráter, mas a exaltou; deu-lhe uma posição, um lugar, pondo-a em evidência. Porque a ideia de *partido* implica a de uma certa força, de uma opinião bastante importante, bastante ativa e bastante espalhada para representar um papel, e com a qual é preciso contar.

Por sua natureza e por seus princípios, o Espiritismo é essencialmente pacífico; é uma ideia que se infiltra sem ruído, e

se encontra numerosos aderentes, é que agrada; jamais fez propaganda nem exibições quaisquer; forte pelas leis naturais, nas quais se apoia, vendo-se crescer sem esforços nem abalos, não vai ao encontro de ninguém, não violenta nenhuma consciência; diz o que é e espera que a ele venham. Todo o ruído que se fez a sua volta é obra de seus adversários; atacaram-no, ele teve que se defender, mas sempre o fez com calma, moderação e só pelo raciocínio; jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa que tem consciência de sua força moral; jamais usou de represálias, pagando injúria por injúria, maus procedimentos por maus procedimentos. Hão de convir que não é este o caráter ordinário dos partidos, turbulentos por natureza, fomentando a agitação e a quem tudo é bom para chegar aos fins. Mas, já que lhe dão este nome, ele o aceita, certo de que não o desonrará por qualquer excesso, pois repudiaria quem quer que dele se prevalecesse para suscitar a menor perturbação.

O Espiritismo seguia sua rota sem provocar qualquer manifestação pública, mas

aproveitando a publicidade que lhe faziam os seus adversários; quanto mais a sua crítica era zombeteira, acerba e virulenta, tanto mais excitava a curiosidade dos que não o conheciam e que, para saberem como proceder diante dessa assim chamada nova excentricidade, iam simplesmente informar-se na fonte, isto é, nas obras especiais; estudavam-no e encontravam outra coisa do que tinham ouvido dizer. É um fato notório que as declamações furibundas, os anátemas e as perseguições ajudaram poderosamente a sua propagação, porque, em vez de lhe desviar a atenção, provocaram o seu exame, ainda que fosse pela atração do fruto proibido. As massas têm sua lógica; elas se dizem que se uma coisa nada fosse, dela não falariam, e medem a sua importância precisamente pela violência dos ataques de que é objeto e pelo pavor que causa aos seus antagonistas.

Instruídos pela experiência, certos órgãos de publicidade se abstinham de falar dele, bem ou mal, evitando mesmo pronunciar o seu nome, para não lhe dar repercussão, limitando-se, de vez em quando,

a lhe lançar alguns ataques violentos às escondidas, quando uma circunstância o punha forçosamente em evidência. Alguns também guardaram silêncio, porque a ideia tinha penetrado em suas fileiras e, com ela, se não talvez a convicção, pelo menos a hesitação.

Então a imprensa em geral se calava sobre o Espiritismo, quando uma circunstância, que não poderia ser obra do acaso, a obrigou a falar dele. E quem provocou o incidente? Sempre os adversários da ideia que, ainda dessa vez, se equivocaram, produzindo um efeito totalmente contrário ao que esperavam. Para dar mais repercussão ao seu ataque, conduzem-no com pouca habilidade, não no terreno de uma folha sem caráter oficial e cujo número de leitores é limitado, mas por via de petições à própria tribuna do Senado, onde ela é objeto de discussão e de onde saiu a expressão de partido *espírita*. Ora, graças aos jornais de todas as colorações, obrigados a notificar o debate, a existência desse pequeno partido foi revelada instantaneamente a toda a Europa e além.

É verdade que um membro da ilustre assembleia disse que não havia senão *patetas* que fossem espíritas, ao que o presidente respondeu que os tolos também podiam formar um partido. Ninguém ignora que hoje os espíritas se contam por milhões, e que altas notabilidades simpatizam com suas crenças; é, pois, de admirar que um epíteto tão pouco cortês e tão generalizado tenha saído daquele recinto, dirigido a notável parte da população, sem que o autor tenha refletido até onde ele atingia.

De resto, os próprios jornais se encarregaram de desmentir tal qualificação, certamente não por benevolência, mas, que importa! O jornal *Liberté*, entre outros, que aparentemente não quer que se seja *livre* de ser espírita, como se o é de ser judeu, protestante, são-simonista ou livre-pensador, publicou, em seu número de 13 de junho, um artigo assinado por *Liévin*, do qual eis um extrato:

"O Sr. Genteur, comissário do governo, revelou ao Senado a existência de um partido que *não conhecíamos*, e que, como os outros, parece contribuir, no

limite de suas forças, para abalar as instituições do império." Sua influência já se fizera sentir o ano passado, e o partido *espírita* – nome que lhe deu o Sr. Genteur – tinha obtido do Senado, sem dúvida graças à sutileza dos meios de que dispõe, a remessa ao governo da famosa petição de Saint-Étienne, na qual eram denunciadas, como se lembram, não as tendências materialistas da Escola de Medicina, mas as tendências filosóficas da biblioteca da comuna. Até aqui tínhamos atribuído ao partido da intolerância a honra desse sucesso, e o considerávamos por si como uma consolação por seu último revés; mas parece que nos tínhamos enganado e que a petição de Saint-Étienne não passava de uma manobra desse partido *espírita*, cujo poder oculto parece querer exercer-se mais particularmente em detrimento das bibliotecas.

"Assim, segunda-feira o Senado ocupava-se de uma nova petição, na qual o *partido espírita*, levantando ainda a cabeça, denunciava as tendências da biblioteca de Oullins (Rhône). Mas desta vez a venerável

assembleia, posta em guarda pelas revelações do Sr. Genteur, frustrou os cálculos dos espíritas, por uma unânime ordem do dia. Apenas o Sr. Nisard se deixou apanhar mais ou menos por esta astúcia de guerra, e de boa-fé estendeu a mão a esses pérfidos inimigos. Deu-lhes o apoio de um parecer em que, por sua vez, assinalava os perigos dos maus livros. Felizmente o equívoco do honrado senador não foi partilhado e os espíritas, arrependidos e confusos, foram reconduzidos como mereciam."

Um outro jornal – *Revue politique hebdomadaire* – de 13 de junho, assim começa um artigo sobre o mesmo assunto:

"Ainda não conhecíamos todos os nossos perigos. Caso se acredite no *Constitutionnel*, não eram bastantes os partidos legitimista, orleanista, republicano, socialista, comunista e o partido vermelho, sem contar o partido liberal, que os resume todos? Era mesmo sob o segundo império, cuja pretensão é dissolver todos os partidos, que devia nascer um novo partido, *crescer e ameaçar a sociedade francesa*, o partido espírita? Sim, o partido espírita! Foi o Sr. Genteur, Conselheiro de

Estado, quem o descobriu e que o denunciou em pleno Senado."

Dificilmente se compreende que um partido que só se componha de *tolos* possa fazer o Estado correr sérios perigos; apavorar-se com isto seria fazer crer que se tem medo dos bobos. Soltando esse grito de alarme à face do mundo, prova-se que o partido espírita é alguma coisa. Não tendo podido abafá-lo sob o ridículo, tentam apresentá-lo como um perigo para a tranquilidade pública. Ora, qual será o resultado inevitável desta nova tática? Um exame tanto mais sério e mais profundo mais terá exaltado o seu perigo; quererão conhecer as doutrinas deste partido, seus princípios, sua palavra de ordem, suas filiações. Se o ridículo lançado sobre o Espiritismo, como crença, despertou curiosidade, será bem outra coisa quando for apresentado como um partido temível; cada um está interessado em saber o que ele quer, para onde conduz: é tudo o que ele pede; agindo às claras, não tendo nenhuma instrução *secreta*, fora do que é publicado para uso de tudo o mundo, ele não teme nenhuma investigação, certo que está, ao contrário, de ganhar por ser conhecido e

que, quem quer que o perscrute com imparcialidade, verá em seu código moral uma poderosa garantia da ordem e da segurança. Um partido, pois é um partido, que inscreve em sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*, indica suas tendências com bastante clareza, para que ninguém tenha razão para o temer. Aliás, a autoridade, cuja vigilância é conhecida, não pode ignorar os princípios de uma doutrina que não se esconde. Não falta gente para lhe dar conta do que se diz e se faz nas reuniões espíritas, e ela bem saberia chamar à ordem as que dela se afastassem.

É de admirar que homens que fazem profissão de liberalismo, que reclamam com insistência a liberdade, que a querem absoluta para as suas ideias, seus escritos, suas reuniões, que estigmatizam todos os atos de intolerância, queiram proscrevê-la para o Espiritismo.

Mas, vede a que inconsequências conduz a cegueira! O debate que ocorreu no Senado foi provocado por duas petições: uma, do ano passado, contra a biblioteca de Saint-Étienne; outra deste ano, contra a biblioteca de Oullins, assinadas por alguns

habitantes daquelas cidades, e que reclamavam contra a introdução, naquelas bibliotecas, de certas obras, em cujo número figuravam *as obras espíritas*.

Pois bem! o autor do artigo do jornal *Liberté*, que sem dúvida examinou a questão um tanto levianamente, imagina que a reclamação emana do partido espírita e conclui que este recebeu uma pancada na cabeça pela ordem do dia pronunciada contra a petição de Ouillins. Eis, pois, esse partido tão perigoso, tão facilmente derrubado, e que peticiona para pedir a exclusão *de suas próprias obras!* Então seria verdadeiramente o partido dos tolos. Aliás, este estranho equívoco nada tem de surpreendente, visto que o autor declara, de início, *que não conhecia esse partido*, o que não o impede de o declarar capaz de abalar as instituições do império.

Longe de se inquietarem com esses incidentes, os espíritas devem regozijar-se; esta manifestação hostil não podia produzir-se em circunstâncias mais favoráveis, e por certo a Doutrina receberá um novo e salutar impulso, como tem acontecido

em todos os levantes de que ela foi objeto. Quanto mais esses ataques repercutirem, mais proveitosos serão. Dia virá em que se transmutarão em aprovações abertas.

O jornal *Siècle*, de 18 de junho, também publicou seu artigo sobre o partido espírita. Todos aí notarão um espírito de moderação, que contrasta com os dois outros que mencionamos; nós o reproduzimos integralmente:

"Quem disse que não há nada de novo debaixo do sol? O céptico que assim falava não suspeitava que um dia a imaginação de um Conselheiro de Estado faria, em pleno Senado, a descoberta do *partido espírita*. Já contávamos alguns partidos na França, e Deus sabe se os ministros oradores cometem erro ao enumerar os perigos que podem causar esta divisão dos espíritos! Há o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista, o partido clerical, etc., etc.

"A lista não pareceu bastante longa ao Sr. Genteur. Ele acaba de denunciar à vigilância dos veneráveis pais da política, que têm assento no Palácio do Luxemburgo, a

existência do *partido espírita*. A esta revelação inesperada, um *frisson* percorreu a assembleia. Os defensores das duas morais, com o Sr. Nisard à frente, estremeceram.

"Quê! A despeito do zelo desses inumeráveis funcionários, o império francês está ameaçado por um novo partido? – Na verdade, é para desesperar da ordem pública. Como este inimigo, invisível até agora ao próprio Sr. Genteur, pôde ocultar-se a todas as vistas? Há nisto um mistério, que o Sr. Conselheiro de Estado, se o penetrar, bem que nos poderá ajudar a compreender. Pessoas oficialmente informadas afirmam que o *partido* espírita escondia o exército de seus representantes – os Espíritos batedores – atrás dos livros das bibliotecas de Saint-Étienne e de Oullins.

"Eis-nos, pois, de volta aos belos tempos das histórias da carochinha, das mesas girantes e das indiscretas mesinhas de pés-de-galo!

"Embora o Espiritismo e seu primeiro apóstolo, o Sr. Delage – o mais suave dos pregadores – não tenham ainda convencido

muita gente, contudo chegaram a constituir um partido. Isto pelo menos se diz no Senado, e não seremos nós que alguma vez nos permitiremos suspeitar da exatidão do que se afirma num lugar tão importante.

"A influência oculta do partido recentemente assinalado se fez sentir até na última discussão do Senado, onde o Sr. Désiré Nisard, um dos maiorais, mostrou-se forte contra os reacionários. Um tal papel cabia de direito ao homem que foi, desde a sua saída da escola normal, um dos agentes mais ativos das ideias retrógradas.

"Depois disto, é para admirar ouvir o honrado senador invocar o arbítrio para justificar as medidas restritivas tomadas a propósito da escolha dos livros da biblioteca de Oullins? Esses estabelecimentos populares, diz o Sr. Nisard, são fundados por associações; encontram-se, pois, sob o disposto do artigo 291 do Código Penal e, por consequência, à mercê do Ministro do Interior. Ele usou, usa e usará desta ditadura."

"Deixamos ao *partido espírita* e ao seu Cristóvão Colombo, o Sr. Genteur,

Conselheiro de Estado, o cuidado de interrogar os Espíritos reveladores, a fim de que nos digam o que o Senado espera obter impedindo os cidadãos de organizarem livremente as bibliotecas populares, como se pratica na Inglaterra?"

* * *

O PARTIDO ESPÍRITA – CONTINUAÇÃO[8]

Um dos nossos correspondentes de Sens nos transmitiu as observações seguintes, sobre a qualificação de *partido*, dada ao Espiritismo, a propósito de nosso artigo do mês de julho sobre o mesmo assunto.

"Num artigo do último número da Revista, intitulado: *O partido espírita*, dizeis que, uma vez que assim nomeiam o Espiritismo, ele o aceita. Mas deve aceitá-lo?

Isto talvez mereça um exame sério.

"Todas as religiões, assim como o Espiritismo, não ensinam que todos os homens são irmãos, que são todos filhos de um pai comum, que é Deus? Ora, deveria haver partidos entre os filhos de Deus? Não é uma ofensa ao Criador? porque é próprio dos partidos armar os homens uns contra os outros; e pode a imaginação conceber

maior crime que armar os filhos de Deus uns contra os outros?

"Tais são, senhor, as reflexões que julguei dever submeter à vossa apreciação. Talvez fosse oportuno submetê-las, também, à dos benevolentes Espíritos que guiam os trabalhos do Espiritismo, a fim de conhecer a sua opinião. Essa questão talvez seja mais grave do que parece à primeira vista. De minha parte, repugnar-me-ia pertencer a um partido. Creio que o Espiritismo deve considerar os partidos como uma ofensa a Deus."

Estamos perfeitamente de acordo com o nosso honrado correspondente, cuja intenção só podemos louvar. Contudo, cremos que seus escrúpulos são um pouco exagerados no caso de que se trata, sem dúvida por não ter examinado suficientemente a questão.

A palavra *partido* implica, por sua etimologia, a ideia de divisão, de cisão e, por conseguinte, a de luta, de agressão, de violência, de intolerância; de ódio, de animosidade, de vingança, coisas todas contrárias ao espírito do Espiritismo. Não tendo o

Espiritismo nenhum desses caracteres, pois que os repudia, por suas tendências mesmas, não é um partido na acepção vulgar da palavra, e nosso correspondente tem muitíssima razão para repelir a qualificação deste ponto de vista.

Mas ao nome de *partido* se liga também a ideia de uma força, física ou moral, bastante forte para pesar na balança, bastante preponderante para que se possa contar com ela; aplicando-o ao Espiritismo, pouco ou nada conhecido, é dar-lhe um ato de notória existência, uma posição entre as opiniões, constatar a sua importância e, como consequência, provocar o seu exame, o que ele não cessa de pedir. Sob esse aspecto, devia repudiar tanto menos essa qualificação, embora fazendo reservas sobre o sentido a ligar a isto, quanto, partida do alto, ela dava um desmentido oficial aos que pretendem que o Espiritismo seja um mito sem consistência, que se gabavam de o haver enterrado vinte vezes. Foi possível julgar do alcance desta palavra pelo ardor desajeitado com o qual certos órgãos da imprensa dela se apoderam para transformá-la num espantalho.

É por esta consideração, e neste sentido, que dissemos que o Espiritismo aceita o título de partido, já que lho dão, porque era engrandecê-lo aos olhos do público; mas não tivemos em vista fazê-lo perder sua qualidade essencial, a de doutrina filosófica moralizadora, que faz sua glória e a sua força. Longe de nós, pois, o pensamento de transformar em *partidários* os adeptos de uma doutrina de paz, de tolerância, de caridade e de fraternidade. A palavra *partido*, aliás, nem sempre implica a ideia de luta, de sentimentos hostis; não se diz: o partido da paz? o partido das pessoas honestas? O Espiritismo já provou, e provará sempre, que pertence a esta categoria.

Quanto ao mais, faça o que fizer, o Espiritismo não pode deixar de ser um partido. Com efeito, que é um partido, abstração feita da ideia de luta? é uma opinião que não é partilhada senão por *uma parte* da população. Mas essa qualificação só é dada às opiniões que contam um número de aderentes bastante considerável para chamar a atenção e representar um papel. Ora, não sendo ainda de todos, a opinião espírita é,

necessariamente, um partido em relação às opiniões contrárias, que o combatem, até que os tenha unido a todos. Em virtude de seus princípios, ele não é agressivo; não se impõe; não subjuga; não pede para si senão a liberdade de pensar à sua maneira, seja; mas, desde que é atacado, tratado como pária, deve defender-se e reivindicar para si o que é de direito comum; ele o deve, é seu dever, sob pena de ser acusado de renegar sua causa, que é a de todos os seus irmãos em crença, que não poderia abandonar sem cobardia. Entra, pois, forçosamente na luta, por maior repugnância que experimente; não é inimigo de ninguém, é verdade, mas tem inimigos que procuram esmagá-lo; é por sua firmeza, por sua perseverança e por sua coragem que se lhes imporá; suas armas são completamente diversas das dos adversários, também é verdade; mas não deixa de ser para eles, e apesar deles, um partido, pois não lhe teriam dado este título se não o tivessem julgado bastante forte para os contrabalançar.

Tais são os motivos pelos quais julgamos que o Espiritismo podia aceitar a

qualificação de partido, que lhe era dado por seus antagonistas, sem que o tenha tomado por si mesmo porque era aceitar o repto que lhe era lançado. Pensamos que o podia, sem repudiar os seus princípios.

* * *

OS SUPERIORES E OS INFERIORES[9]

A autoridade, assim como a riqueza, é uma delegação de que terá de prestar contas aquele que dela se ache investido. Não julgueis que ela lhe seja conferida para proporcionar-lhe o vão prazer de mandar; tampouco, como acredita erroneamente a maioria dos potentados da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, aliás, lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente às suas personalidades, seria inalienável. Ninguém pode dizer que uma coisa lhe pertence, quando pode ser tirada sem o seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de *missão*, ou de prova, quando julga conveniente, e a retira quando bem o entende.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve esquecer

que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes venham a cometer, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos *maus exemplos*, do mesmo modo que recolherá os frutos da solicitude de que usar para os reconduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena, missão que sempre lhe é dada para o bem, seja ela qual for; quem a falsear em seu princípio, está, pois, falindo ao seu desempenho.

Assim como Deus pergunta ao rico: "Que fizeste da riqueza que em tuas mãos deveria ser um manancial a espalhar a fecundidade à tua volta?", igualmente perguntará àquele que disponha de alguma autoridade: "Que uso fizeste dessa autoridade? Que males evitaste? Que progresso facultaste? Se te dei subordinados, não foi para que os fizesses escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua cupidez; fiz-te forte e te confiei os fracos para que os amparasses e os ajudasses a subir para mim".

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, não despreza ninguém que esteja abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem diante de Deus. O Espiritismo lhe ensina que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dá-las mais tarde, e que ele então será tratado conforme os haja tratado. Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por seu lado, também os tem, e não menos sagrados. Se este último for espírita, sua consciência lhe dirá melhor ainda que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando o seu chefe deixe de cumprir os que lhe competem, porque sabe que não deve retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as faltas de outros. Se a sua posição lhe traz sofrimentos, dirá que sem dúvida os mereceu, porque ele mesmo, outrora, talvez tenha abusado da sua autoridade, cabendo-lhe, por sua vez, experimentar o que fizera sofrer aos outros. Se se vê forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como uma prova para a sua humildade,

necessária ao seu adiantamento. Sua crença o guia na maneira de conduzir-se e o leva a proceder como gostaria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, ele se mostra mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, porque compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado resulta em prejuízo para aquele que o remunera e a quem ele deve o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra, ele é induzido pelo sentimento do dever, que a fé lhe dá, e pela certeza de que todo desvio do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar. – *François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot.* (Paris, 1863).

* * *

LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE[10]

Liberdade, igualdade, fraternidade. Estas três palavras representam, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se o princípio que elas traduzem pudesse receber integral aplicação. Vejamos quais os obstáculos que, no estado atual da sociedade, se opõem a isso e, ao lado do mal, procuremos o remédio. A fraternidade, na rigorosa acepção do termo, resume todos os deveres dos homens, uns para com os outros; significa devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência. É, por excelência, a caridade evangélica e a aplicação da máxima: "Proceder para com os outros como gostaríamos que os outros procedessem para conosco." É o oposto do egoísmo. A fraternidade diz: "Um por todos e todos por um." O egoísmo diz: "Cada um por si." Sendo estas duas qualidades a negação uma da outra, é tão

impossível a um egoísta agir fraternalmente para com os seus semelhantes quanto a um avarento ser generoso, quanto a um indivíduo de pequena estatura atingir o porte de um homem alto. Ora, sendo o egoísmo a chaga dominante da sociedade, enquanto ele reinar soberanamente será impossível o reinado da verdadeira fraternidade. Cada um a quererá em seu proveito; não quererá, porém, praticá-la em proveito dos outros, ou, se o fizer, será depois de se certificar de que não perderá coisa alguma.

Considerada do ponto de vista da sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base; sem ela não poderiam existir a igualdade nem a liberdade séria. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é consequência das duas outras.

Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens bastante desinteressados, bons e benévolos para viverem fraternalmente, sem haver entre eles nem privilégios nem direitos excepcionais, pois de outro modo não haveria fraternidade. Tratar a alguém de irmão é tratá-lo de igual para

igual; é querer para ele o que para si próprio quereria. Num povo de irmãos, a igualdade será a consequência de seus sentimentos, da maneira de procederem, e se estabelecerá pela força mesma das coisas. Qual, porém, o inimigo da igualdade? O orgulho, que leva o homem em toda parte à primazia e ao domínio, que vive de privilégios e de exceções; o orgulho poderá suportar a igualdade social, mas não a fundará jamais e a aniquilará na primeira ocasião. Ora, sendo também o orgulho uma das chagas da sociedade, enquanto não for destruído oporá barreiras à verdadeira igualdade. Como já dissemos, a liberdade é filha da fraternidade e da igualdade. Falamos da liberdade legal, e não da liberdade natural, que é, de direito, imprescritível para toda criatura humana, desde o selvagem até o homem civilizado. Vivendo como irmãos, com direitos iguais, animados do sentimento de benevolência recíproca, os homens praticarão entre si a justiça e não procurarão causar danos uns aos outros, nada tendo, por conseguinte, que temer uns dos outros. A liberdade não oferecerá qualquer perigo, porque ninguém pensará em abusar dela em prejuízo de seus

semelhantes. Mas como poderiam o egoísmo, que tudo quer para si, e o orgulho, que sempre quer dominar, dar a mão à liberdade que os destronaria? O egoísmo e o orgulho são, pois, os inimigos da liberdade, como o são da igualdade e da fraternidade.

A liberdade pressupõe confiança mútua. Ora, não pode haver confiança entre pessoas dominadas pelo sentimento exclusivista da personalidade. Não podendo cada uma satisfazer-se a si própria senão à custa de outrem, todas estarão constantemente em guarda umas contra as outras. Sempre receosas de perderem aquilo a que chamam seus direitos, a dominação constitui a condição mesma da existência de todas, razão pela qual armarão continuamente ciladas à liberdade e a sufocarão quanto puderem.

Aqueles três princípios são, conforme acima dissemos, solidários entre si e se prestam mútuo apoio; sem a reunião deles, o edifício social não estaria completo. O da fraternidade não pode ser praticado em toda a sua pureza, com exclusão dos dois outros, visto como, sem a igualdade e a liberdade, não há verdadeira fraternidade.

A liberdade sem a fraternidade é rédea solta a todas as más paixões, que desde então ficam sem freio; com a fraternidade, o homem não faz mau uso, por menor que seja, da sua liberdade: é a ordem; sem a fraternidade, usa da liberdade para dar curso a todas as suas torpezas: é a anarquia, a licenciosidade. É por isso que as nações mais livres se veem obrigadas a criar restrições à liberdade. A igualdade sem a fraternidade conduz aos mesmos resultados, visto que a igualdade reclama a liberdade. Sob o pretexto de igualdade, o pequeno rebaixa o grande, para lhe tomar o lugar, e se torna tirano por sua vez; tudo se reduz a um deslocamento do despotismo.

Concluir-se-á, daí, que se os homens não se acharem imbuídos do sentimento da verdadeira fraternidade, será necessário mantê-los em servidão? Porventura serão inaptas as instituições fundadas sobre os princípios de igualdade e de liberdade? Semelhante opinião seria mais que errônea, seria absurda. Ninguém espera que uma criança complete seu crescimento para lhe ensinar a andar. Quem, aliás, os tem sob tutela? Serão

homens de ideias elevadas e generosas, guiados pelo amor do progresso? Serão homens que se aproveitem da submissão dos seus inferiores para lhes desenvolver o senso moral e os elevar pouco a pouco à condição de homens livres? Não; trata-se, em sua maioria, de homens ciosos do seu poder, a cuja ambição e cupidez outros homens servem de instrumentos mais inteligentes do que animais e que, então, em vez de emancipá-los, os conservam, pelo maior tempo possível, subjugados e na ignorância.

Essa ordem de coisas muda, porém, por si mesma, graças ao poder irresistível do progresso. Algumas vezes a reação é violenta e tanto mais terrível enquanto o sentimento da fraternidade, imprudentemente sufocado, não consegue interpor o seu poder moderador. A luta se estabelece entre os que querem tomar e os que querem reter, resultando daí um conflito que muitas vezes se prolonga por vários séculos. Afinal, um equilíbrio artificial se estabelece; há qualquer coisa de melhor. Sente-se, porém, que as bases sociais não estão sólidas; o solo treme a cada passo, porque ainda

não reinam a liberdade e a igualdade sob a égide da fraternidade, e porque o orgulho e o egoísmo continuam empenhados em derrotar os esforços dos homens de bem.

Todos vós que sonhais com essa idade de ouro para a humanidade trabalhai, antes de tudo, na construção da base do edifício, antes de pensardes no telhado; dai-lhe por fundação a fraternidade na sua mais pura acepção. No entanto, para isso, não basta decretá-la e inscrevê-la numa bandeira; é preciso que ela esteja no coração, e não se muda o coração dos homens por meio de ordenações. Do mesmo modo que se age para fazer que um campo frutifique, é necessário que se arranquem os seus pedrouços e espinheiros, aqui também é preciso trabalhar sem descanso para extirpar o vírus do orgulho e do egoísmo, visto que aí se encontra a causa de todo o mal, o obstáculo real ao reinado do bem. Eliminai das leis, das instituições, das religiões, da educação até os últimos vestígios dos tempos de barbárie e de privilégios, bem como todas as causas que alimentam e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, os quais, por assim dizer,

bebemos com o leite e aspiramos por todos os poros na atmosfera social. Somente então os homens compreenderão os deveres e os benefícios da fraternidade e também se firmarão por si mesmos, sem abalos nem perigos, os princípios complementares da igualdade e da liberdade.

Será possível a destruição do egoísmo e do orgulho? Respondemos alto e firmemente: SIM. Do contrário, seria determinar um ponto de parada ao progresso da humanidade. O homem cresce em inteligência, é fato incontestável; contudo, terá chegado ao ponto culminante, além do qual não possa ir? Quem ousaria sustentar essa tese absurda? Progredirá em moralidade? Para responder a esta questão, basta que se comparem as épocas de um mesmo país. Por que teria ele atingido o limite do progresso moral, e não o do progresso intelectual? Sua aspiração por uma ordem de coisas melhor é indício da possibilidade de alcançá-la. Cabe aos homens progressistas acelerar esse movimento por intermédio do estudo e da utilização de meios mais eficazes.

* * *

AS ARISTOCRACIAS[11]

Aristocracia vem do grego *aristos*, o melhor, e *kratos*, poder. Em sua acepção literal, portanto, aristocracia significa: *poder dos melhores*. Não há como negar que o sentido primitivo tem sido por vezes singularmente deturpado; vejamos, porém, que influência o Espiritismo pode exercer na sua aplicação. Para esse efeito, tomemos as coisas no ponto de partida e acompanhemo-las através das idades, a fim de deduzirmos daí o que acontecerá mais tarde.

Em tempo algum, nem no seio de nenhum povo, os homens, em sociedade, puderam prescindir de chefes, razão pela qual os encontramos mesmo nas tribos mais selvagens. Isto decorre da existência de homens incapazes, que precisam ser dirigidos, homens fracos que reclamam proteção, paixões que exigem repressão, em virtude da diversidade das aptidões e dos caracteres inerentes à espécie humana. Daí

a necessidade imperiosa de uma autoridade. É sabido que, nas sociedades primitivas, essa autoridade foi conferida aos chefes de família, aos antigos, aos anciãos; numa palavra: aos patriarcas. Essa foi a primeira de todas as aristocracias.

Como as sociedades se tornassem numerosas, a autoridade patriarcal veio a ficar impotente em certas circunstâncias. As querelas entre povoações vizinhas deram lugar a combates; foi preciso, para dirigi-las, não mais os velhos, porém, homens fortes, vigorosos e inteligentes; daí os chefes militares. Vitoriosos, estes chefes foram investidos da autoridade, esperando os seus comandados que com a valentia deles estariam garantidos contra os ataques dos inimigos. Muitos, abusando da posição que ocupavam, se apossavam dela por si mesmos. Depois, os vencedores passaram a impor-se aos vencidos ou os reduziram à escravidão. Daí a autoridade da força bruta, que foi a segunda aristocracia.

Os fortes, com os bens que possuíam, transmitiram muito naturalmente a seus filhos a autoridade de que desfrutavam, de

modo que os fracos, nada ousando dizer, se habituaram pouco a pouco a ter esses filhos por herdeiros dos direitos que os pais haviam conquistado e a considerá-los seus superiores. Veio assim a divisão da sociedade em duas classes: a dos superiores e a dos inferiores, a dos que mandam e a dos que obedecem; daí, por conseguinte, a aristocracia do nascimento, que se tornou tão poderosa e preponderante quanto a da força, porquanto, se não tinha a força por si mesma, como nos primeiros tempos, em que cada um devia fazer o sacrifício da sua pessoa, dispunha de uma força mercenária. Na posse de todo o poder, ela naturalmente invocou a si todos os privilégios.

Para a manutenção de tais privilégios, era necessário que lhes dessem o prestígio da legalidade; ela então fez leis em seu próprio proveito, o que lhe era fácil, visto que ninguém mais as fazia. Como isto, entretanto, não bastasse, juntou aos privilégios o prestígio do direito divino, a fim de torná-los respeitáveis e invioláveis. Para lhes assegurar o respeito das classes submetidas, que se tornavam cada vez mais numerosas e mais difíceis de ser contidas, mesmo pela

força, só havia um meio: impedi-las de ver claro, isto é, conservá-las na ignorância.

Se a classe superior tivesse sido capaz de manter a classe inferior sem se ocupar com coisa alguma, tê-la-ia governado facilmente durante longo tempo ainda, mas como a segunda fosse obrigada a trabalhar para viver, e trabalhar tanto mais quanto mais premida se achava, resultou que a necessidade de encontrar incessantemente novos recursos, de lutar contra uma concorrência invasora, de procurar novos mercados para os produtos, lhe desenvolveu a inteligência e fez com que as próprias causas, de que os da classe superior se serviam para trazê-la sujeita, a esclarecessem. Não se vê aí o dedo da Providência?

A classe submetida viu as coisas com mais clareza; viu a fraca consistência que lhe opunham e, sentindo-se forte pelo número, aboliu os privilégios e proclamou a igualdade perante a lei. Este princípio marcou, no seio de certos povos, o fim do reinado da aristocracia de nascimento, que passou a ser apenas nominal e honorífica, visto que já não confere direitos legais.

Erigiu-se então uma nova potência – a do dinheiro – porque com dinheiro se dispõe dos homens e das coisas. Era um Sol nascente As aristocracias do qual todos se inclinaram, como outrora se curvavam mais baixo ainda diante de um brasão. O que não se concedia ao título concedia-se à riqueza e a riqueza teve igualmente seus privilégios. Logo, porém, perceberam que, para conseguir a riqueza, precisavam de certa dose de inteligência, não sendo necessária muita para herdá-la, e que os descendentes são quase sempre mais hábeis em consumi-la do que em ganhá-la; perceberam, além disso, que os próprios meios de enriquecimento nem sempre são impecáveis, de modo que o dinheiro foi perdendo pouco a pouco o seu prestígio moral, tendendo essa potência a ser substituída por outra, por uma aristocracia mais justa: a da inteligência, diante da qual todos podem curvar-se, sem se envilecerem, porque ela pertence tanto ao pobre quanto ao rico.

Será a última? Será a mais alta expressão da humanidade civilizada? Não. A inteligência nem sempre constitui garantia

de moralidade e o homem mais inteligente pode fazer péssimo uso de suas faculdades. Por outro lado, a moralidade, isolada, muita vez pode ser incapaz. A união dessas duas faculdades, inteligência e moralidade, é, pois, necessária para criar uma preponderância legítima, a que a massa se submeterá cegamente, porque lhe inspirará plena confiança, pelas suas luzes e pela sua justiça. Será essa a última aristocracia, a que se apresentará como consequência, ou, antes, como sinal do advento do reinado do bem na Terra. Ela se erguerá muito naturalmente pela força mesma das coisas. Quando os homens de tal categoria forem bastante numerosos para formarem uma maioria imponente, a massa lhes confiará seus interesses.

Como vimos, todas as aristocracias tiveram sua razão de ser; nasceram do estado da humanidade; assim há de acontecer com o que se tornará uma necessidade. Todas preencheram ou preencherão seu tempo, conforme os países, porque nenhuma teve por base o princípio moral; só este princípio pode constituir uma supremacia

durável, porque terá a animá-la sentimentos de justiça e caridade. A essa aristocracia chamaremos: *aristocracia intelecto-moral*.

Mas semelhante estado de coisa será possível com o egoísmo, o orgulho, a cupidez que reinam soberanos na Terra? Respondemos claramente: sim; não só é possível, como se implantará, por ser inevitável.

Hoje, a inteligência já domina; é soberana, ninguém o pode contestar. É tão verdade isto que já se vê o homem do povo chegar aos cargos de primeira ordem. Essa aristocracia não será mais justa, mais lógica, mais racional que a da força bruta, do nascimento ou do dinheiro? Por que, então, seria impossível que se lhe juntasse a moralidade? – Porque, dizem os pessimistas, o mal domina sobre a Terra. – Quem, porém, ousará dizer que o bem não o suplantará um dia? Os costumes e, por conseguinte, as instituições sociais não valem cem vezes mais hoje que na Idade Média? Cada século não se caracteriza por um progresso? Por que, então, a humanidade se deteria, quando ainda tem tanto a fazer? Por instinto natural, os homens procuram o seu

bem-estar; se não o acharem completo no reino da inteligência, procurá-lo-ão em outro lugar; e onde poderão encontrá-lo senão no reino da moralidade? Para isso, torna-se preciso que a moralidade sobrepuje numericamente. É incontestável que se tem que fazer muita coisa, mas, ainda uma vez, seria tola pretensão dizer-se que a humanidade chegou ao apogeu, quando é vista a avançar continuamente pela senda do progresso.

Digamos, antes de tudo, que os bons, na Terra, não são absolutamente tão raros quanto se pensa; os maus são numerosos, é verdade; entretanto, o que faz que eles pareçam ainda mais numerosos é que têm mais audácia e sentem que essa audácia lhes é indispensável ao bom êxito. E, contudo, compreendem de tal modo a preponderância do bem que, não podendo praticá-lo, com ele se mascaram.

Os bons, ao contrário, não fazem alarde das suas boas qualidades; como não se põem em evidência, parecem tão pouco numerosos. Pesquisai, no entanto, os atos íntimos praticados sem ostentação e, em todas as classes da sociedade, encontrareis

criaturas de natureza boa e leal em número bastante a vos tranquilizar o coração, de maneira a não desesperardes da humanidade. Depois, cumpre também dizê-lo, entre os maus existem muitos que o são apenas por arrastamento e que se tornarão bons, desde que submetidos a uma influência boa. Admitamos que, em 100 indivíduos, haja 25 bons e 75 maus; destes últimos, 50 o são por fraqueza e seriam bons se observassem bons exemplos e, sobretudo, se tivessem sido bem encaminhados desde a infância; dos 25 francamente maus nem todos serão incorrigíveis.

No estado atual das coisas, os maus estão em maioria e ditam a lei aos bons. Suponhamos que uma circunstância qualquer opere a conversão de 50%: os bons ficarão em maioria e a seu turno ditarão as leis; dos 25 outros, absolutamente maus, muitos sofrerão a influência dos bons, restando apenas alguns incorrigíveis sem preponderância.

Tomemos um exemplo para ilustrar o que acabamos de dizer: Há povos no seio dos quais o assassínio e o roubo são a normalidade, constituindo o bem a exceção.

Nos povos mais adiantados e mais bem governados da Europa, o crime é a exceção; acossado pelas leis, ele não exerce qualquer influência sobre a sociedade. O que nesses povos ainda predomina são os vícios de caráter: o orgulho, o egoísmo, a cupidez e todo o seu cortejo de misérias.

Por que, então, com o progresso, o vício desses povos não se tornaria a exceção, como o são hoje os crimes, ao passo que os povos inferiores alcançariam o nosso nível? Negar a possibilidade dessa marcha ascendente seria negar o progresso.

Certamente, chegar a tal estado de coisas não pode ser obra de um dia, mas, se há uma causa capaz de apressar o seu advento, essa causa é, sem sombra de dúvida, o Espiritismo. Fator, por excelência, da solidariedade humana, por mostrar que as provas da vida atual são a consequência lógica e racional dos atos praticados nas existências anteriores, por fazer de cada homem o artífice voluntário da sua própria felicidade, a vulgarização universal do Espiritismo terá como resultado, necessariamente, uma sensível elevação do nível moral da atualidade.

Embora apenas elaborados e coordenados, os princípios gerais da nossa filosofia já congregaram, em imponente comunhão de ideias, milhões de adeptos espalhados por toda a Terra. Os progressos realizados pela sua influência, as transformações individuais e locais que eles têm provocado em menos de quinze anos, nos permitem apreciar as modificações imensas e radicais que operarão no futuro.

Mas, se graças ao desenvolvimento e à aceitação geral dos ensinos dos Espíritos, o nível moral da humanidade tende constantemente a elevar-se, enganar-se-ia singularmente quem supusesse que a moralidade preponderará sobre a inteligência. O Espiritismo, com efeito, não quer que o aceitem cegamente; faz apelo à discussão e à luz.

"Em vez da fé cega, que aniquila a liberdade de pensar, ele diz: [...] *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.*

[...] *A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver; é preciso,*

sobretudo, compreender." (*O evangelho segundo o espiritismo*). Portanto, é na melhor forma de direito que podemos considerar o Espiritismo como um dos mais fortes precursores da aristocracia do futuro, isto é, da *aristocracia intelecto-moral*.

* * *

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC[12]

[...]

Não imagineis, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunirdes aqui seja um fato puramente pessoal. Não duvideis de que esta reunião tem um caráter especial e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis vos impeliram, mau grado vosso, e talvez um dia ela seja assinalada nos fastos do Espiritismo. Possam os nossos irmãos do futuro lembrar este dia memorável, em que os espíritas lioneses, dando exemplo de união e concórdia, plantaram nesses ágapes a primeira baliza da aliança que deve reinar entre os espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme

as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. Ampliando o círculo da família pela pluralidade das existências, o Espiritismo estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porquanto esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Uma vez bem compreendidos, esses laços influirão, pela própria força das coisas, nas relações sociais e, mais tarde, na legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade. Ver-se-á então desaparecerem essas anomalias que chocam os homens de bom-senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer com que cada coisa venha a seu tempo; esperemos tudo de sua sabedoria e Lhe agradeçamos tão-somente por nos haver permitido assistir à aurora que se levanta para a Humanidade e por nos ter escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que Ele se digne de espargir a sua bênção sobre esta assembleia, a primeira

em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com o sentimento de verdadeira confraternidade.

[...].

Falei dos progressos do Espiritismo. É que, com efeito, não há exemplo de uma doutrina, seja qual for, que tenha marchado com tanta rapidez, sem excetuar o próprio Cristianismo. Isto significa que lhe seja superior, que o deva suplantar? Não; mas é aqui o lugar de fixar o seu verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção por demais espalhada entre os que não o conhecem.

Em sua origem, o Cristianismo teve de lutar contra uma potência perigosa: o paganismo, então universalmente disseminado. Entre eles não havia nenhuma aliança possível, como não há entre a luz e as trevas; numa palavra, não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, de que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada vem destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do

qual não é mais que a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como o pretendem alguns, quase sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseguintemente, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não se trata de uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro; é, insisto, uma doutrina moral, e a

moral está em todas as religiões, em todos os partidos.

É boa ou má a moral que ensina? É subversiva? Eis toda a questão. Que o estudem e saberão em que ela se baseia. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

* * *

MENSAGENS MEDIÚNICAS

A ORAÇÃO

Recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens; pelos reis e todos os que detêm autoridade, a fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda a piedade e dignidade.

Paulo de Tarso
(I *Timóteo* 2:1-2 – Bíblia de Jerusalém)

MÉDIUM: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

MENSAGENS DO ESPÍRITO EMMANUEL

POLÍTICA DIVINA[13]

Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve.

Jesus (*Lucas*, 22:27)

O discípulo sincero do Evangelho não necessita respirar o clima da política administrativa do mundo para cumprir o ministério que lhe é cometido.

O Governador da Terra, entre nós, para atender aos objetivos da política do amor, representou, antes de tudo, os interesses de Deus junto do coração humano, sem necessidade de portarias e decretos, respeitáveis embora.

Administrou servindo, elevou os demais, humilhando a si mesmo.

Não vestiu o traje do sacerdote, nem a toga do magistrado.

Amou profundamente os semelhantes e, nessa tarefa sublime, testemunhou a sua grandeza celestial.

Que seria das organizações cristãs, se o apostolado que lhes diz respeito estivesse subordinado a reis e ministros, câmaras e parlamentos transitórios?

Se desejas penetrar, efetivamente, o templo da verdade e da fé viva, da paz e do amor, com Jesus, não olvides as plataformas do Evangelho Redentor.

Ama a Deus sobre todas as coisas, com todo o teu coração e entendimento.

Ama o próximo como a ti mesmo.

Cessa o egoísmo da animalidade primitiva.

Faze o bem aos que te fazem mal.

Abençoa os que te perseguem e caluniam.

Ora pela paz dos que te ferem.

Bendize os que te contrariam o coração inclinado ao passado inferior.

Reparte as alegrias de teu espírito e os dons de tua vida com os menos afortunados e mais pobres do caminho.

Dissipa as trevas, fazendo brilhar a tua luz.

Revela o amor que acalma as tempestades do ódio.

Mantém viva a chama da esperança, onde sopra o frio do desalento.

Levanta os caídos.

Sê a muleta benfeitora dos que se arrastam sob aleijões morais.

Combate a ignorância, acendendo lâmpadas de auxílio fraterno, sem golpes de crítica e sem gritos de condenação.

Ama, compreende e perdoa sempre.

Dependerás, acaso, de decretos humanos para meter mãos à obra?

Lembra-te, meu amigo, de que os administradores do mundo são, na maioria das vezes, veneráveis prepostos da Sabedoria Imortal, amparando os potenciais econômicos, passageiros e perecíveis do mundo;

todavia, não te esqueças das recomendações traçadas no Código da Vida Eterna, na execução das quais devemos edificar o Reino Divino, dentro de nós mesmos.

* * *

COMO SE DEVERÁ COMPORTAR O ESPÍRITA PERANTE A POLÍTICA DO MUNDO?[14]

– O sincero discípulo de Jesus está investido de missão mais sublime, em face da tarefa política saturada de lutas materiais. Essa é a razão por que não deve provocar uma situação de evidência para si mesmo nas administrações transitórias do mundo. E, quando convocado a tais situações pela força das circunstâncias, deve aceitá-las não como galardão para a Doutrina que professa, mas como provação imperiosa e árdua, onde todo êxito é sempre difícil. O espírita sincero deve compreender que a iluminação de uma consciência é como se fora a iluminação de um mundo, salientando-se que a tarefa do Evangelho, junto das almas encarnadas na Terra, é a mais importante de todas, visto constituir uma realização definitiva e real. A missão da Doutrina é consolar e

instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na Lei do progresso universal, depreendendo-se daí que a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no Espírito das criaturas.

* * *

O HOMEM QUE GUARDA RESPONSABILIDADES NOS CARGOS PÚBLICOS DA TERRA RESPONDE, NO PLANO ESPIRITUAL, PELAS ORDENS QUE CUMPRE E FAZ CUMPRIR?[15]

– A responsabilidade de um cargo público, pelas suas características morais, é sempre mais importante que a concedida por Deus sobre um patrimônio material. Daí a verdade que, na vida espiritual, o depositário do bem público responderá sempre pelas ordens expedidas pela sua autoridade, nas tarefas da Terra.

** *

PODERÃO OS HOMENS RESOLVER SEM ATRITOS AS CHAMADAS QUESTÕES PROLETÁRIAS?[16]

– Sim, quando se decidirem a aceitar e aplicar os princípios sagrados do Evangelho. Os regulamentos apaixonados, as greves, os decretos unilaterais, as ideologias revolucionárias, são cataplasmas inexpressivas, complicando a chaga da coletividade.

O Socialismo é uma bela expressão de cultura humana, enquanto não resvala para os pólos do extremismo.

Todos os absurdos das teorias sociais decorrem da ignorância dos homens relativamente à necessidade de sua cristianização. Conhecemos daqui os maus dirigentes e os maus dirigidos, não como ricos e pobres, mas como à homens avarentos e os revoltados. Nessas duas expressões, as criaturas operaram o desequilíbrio de todos os mecanismos do trabalho natural.

A verdade é que todos os homens são proletários da evolução e nenhum esforço de boa realização na Terra é indigno do Espírito encarnado.

Cada máquina exige uma direção especial, e o mecanismo do mundo requer o infinito das aptidões e dos conhecimentos.

Sem a harmonia de cada peça na posição em que se encontra, toda produção é contraproducente e toda boa tarefa impossível.

Todos os homens são ricos pelas bênçãos de Deus e cada qual deve aproveitar, com êxito, os *talentos* recebidos, porquanto, sem exceção de um só, prestarão um dia, Além-túmulo, contas de seus esforços.

Que os trabalhadores da direção saibam amar, e que os da realização nunca odeiem. Essa é a verdade pela qual compreendemos que todos os problemas do trabalho, na Terra, representam uma equação de Evangelho.

* * *

DIANTE DE DEUS E DE CÉSAR[17]

Em nosso relacionamento habitual com César – simbolizando o governo político – não nos esqueçamos de que o mundo é de Deus e não de César, a fim de que não sejamos parasitas na organização social em que fomos chamados a viver.

Muitos se acreditam plenamente exonerados de quaisquer obrigações para com o poder administrativo da Terra, simplesmente porque, certo dia, pagaram à máquina governamental que os dirige os impostos de estilo, exigindo-lhe em troca serviços sacrificiais por longo tempo.

É justo não olvidar que somos de Deus e não de César e que César não dispõe de meios para substituir junto de nós a assistência de Deus.

Por isso mesmo, a Lei, expressando as determinações do Alto, conta com a nossa participação constante no bem, se nos propomos alcançar a vitória com o progresso real.

Examinando o assunto nestes termos, ouçamos a voz do Senhor que nos fala na acústica da própria consciência e procuremos a execução de nossos deveres sem esperar que César nos visite com exigências ou aguilhões.

O trabalho é regulamento da vida e cultivemo-lo com diligência, utilizando os recursos de que dispomos na consolidação do melhor para todos os que nos cercam.

Auxiliar aos outros é recomendação do Céu e em razão disso, auxiliemos sempre, seja amparando a um companheiro infeliz, protegendo uma fonte ameaçada pela secura ou plantando uma árvore benfeitora que amanhã falará por nós à margem do caminho.

Todos prestaremos contas à Divina Providência quanto aos bens que nos são temporariamente emprestados e, sem qualquer constrangimento da autoridade humana, exercitemos a compreensão e a bondade, a paciência e a tolerância, o otimismo e a fé, apagando os incêndios da rebelião ou da crítica onde estiverem e estimulando, em toda parte, a plantação de valores suscetíveis de estabelecer a harmonia e a prosperidade em torno de nós.

Não vale dar a César algumas moedas por ano, cobrindo-o de acusações e reprovações, todos os dias.

Doemos a Deus o que é de Deus, oferecendo o melhor de nós mesmos, em favor dos outros, e, desse modo, César estará realmente habilitado a amparar-nos e a servir-nos, hoje e sempre, em nome do Senhor.

* * *

NÓS E CÉSAR[18]

E Jesus, respondendo, disse-lhes: – Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. (*Marcos*, 12:17)

Em todo lugar do mundo, o homem encontrará sempre, de acordo com os seus próprios merecimentos, a figura de César, simbolizada no governo estatal.

Maus homens, sem dúvida, produzirão maus estadistas.

Coletividades ociosas e indiferentes receberão administrações desorganizadas.

De qualquer modo, a influência de César cercará a criatura, reclamando-lhe a execução dos compromissos materiais. É imprescindível dar-lhe o que lhe pertence.

O aprendiz do Evangelho não deve invocar princípios religiosos ou idealismo individual para eximir-se dessas obrigações.

Se há erros nas leis, lembremos a extensão de nossos débitos para com a

Providência divina e colaboremos com a governança humana, oferecendo-lhe o nosso concurso em trabalho e boa vontade, conscientes de que desatenção ou revolta não nos resolvem os problemas.

Preferível é que o discípulo se sacrifique e sofra a demorar-se em atraso, ante as leis respeitáveis que o regem, transitoriamente, no Plano físico, seja por indisciplina diante dos princípios estabelecidos ou por doentio entusiasmo que o tente a avançar demasiadamente na sua época.

Há decretos iníquos?

Recorda se já cooperaste com aqueles que te governam a paisagem material.

Vive em harmonia com os teus superiores e não te esqueças de que a melhor posição é a do equilíbrio.

Se pretendes viver retamente, não dês a César o vinagre da crítica acerba. Ajuda-o com o teu trabalho eficiente, no sadio desejo de acertar, convicto de que ele e nós somos filhos do mesmo Deus.

* * *

POLÍTICA[19]

"E quem governa seja como quem serve"

JESUS (*Lucas*, 22:26)

O Evangelho apresenta, igualmente, a mais elevada fórmula de vida político-administrativa aos povos da Terra.

Quem afirma que semelhantes serviços não se compadecem com os labores do Mestre não penetrou ainda toda a verdade de suas Lições Divinas.

A magna questão é encontrar o elemento humano disposto à execução do sublime princípio.

Os ideais democráticos do mundo não derivaram senão do próprio ensinamento do Salvador.

Poderá encontrar algum sociólogo do planeta, plataforma superior além da gloriosa síntese que reclama do governante as legítimas qualidades do servidor fiel?

As revoluções, que custaram tanto sangue, não foram senão uma ânsia de obtenção da fórmula sagrada na realidade política das nações.

Nem, por isso, entretanto, deixaram de ser movimentos criminosos e desleais, como infiéis e perversos têm sido os falsos políticos na atuação do governo comum.

O ensinamento de Jesus, nesse particular, ainda está acima da compreensão vulgar das criaturas.

Quase todos os homens se atiram à conquista dos postos de autoridade e evidência, mas geralmente se encontram excessivamente interessados com as suas próprias vantagens no imediatismo do mundo.

Ignoram que o Cristo aí conta com eles, não como quem governa tirânica ou arbitrariamente, mas como quem serve com alegria, não como quem administra a golpes de força, mas como quem obedece ao Esquema Divino, junto dos seres e coisas da vida.

Jesus é o Supremo Governador da Terra e, ao mesmo tempo, o Supremo Servidor das criaturas humanas.

* * *

EVANGELHO E INDIVIDUALIDADE[20]

Efetivamente, as massas acompanhavam o Cristo, de perto, no entanto, não vemos no Mestre a personificação do agitador comum.

Em todos os climas políticos, as escolas religiosas, aproximando-se da legalidade humana, de alguma sorte partilham da governança, estabelecendo regras espirituais com que adquirem poder sobre a multidão.

Jesus, porém, não transforma o espírito coletivo em terreno explorável.

Proclamando as bem-aventuranças à turba no monte, não a induz para a violência, a fim de assaltar o celeiro dos outros. Multiplica, Ele mesmo, o pão que a reconforte e alimente.

Não convida o povo a reivindicações.

Aconselha respeito aos patrimônios da direção política, na sábia fórmula com que recomendava seja dado "a César o que é de César".

Muitos estudiosos do Cristianismo pretendem identificar no Mestre Divino a personalidade do revolucionário, instigando os

seus contemporâneos à rebelião e à discórdia; entretanto, em nenhuma passagem do seu ministério encontramos qualquer testemunho de indisciplina ou desespero, diante da ordem constituída.

Socorreu a turba sofredora e consolou-a; não se mostrou interessado em libertar a comunidade das criaturas, cuja evolução, até hoje, ainda exige lutas acerbas e provações incessantes, mas ajudou o Homem a libertar-se.

Ao apóstolo exclama – "vem e segue-me".

À pecadora exorta – "vai e não peques mais".

Ao paralítico fala, bondoso – "ergue-te e anda".

À mulher sirofenícia diz, convincente – "a tua fé te curou".

Por toda parte, vemo-lo interessado em levantar o espírito, buscando erigir o templo da responsabilidade em cada consciência e o altar dos serviços aos semelhantes em cada coração.

Demonstrando as preocupações que o tomavam, perante a renovação do mundo individual, não se contentou em sentar-se no trono diretivo, em que os generais e os legisladores costumam ditar determinações... Desceu, Ele próprio, ao seio do povo e entendeu-se pessoalmente com os velhos e os enfermos, com as mulheres e as crianças.

Entreteve-se em dilatadas conversações com as criaturas transviadas e reconhecidamente infelizes.

Usa a bondade fraternal para com Madalena, a obsidiada, quanto emprega a gentileza no trato com Zaqueu, o rico.

Reconhecendo que a tirania e a dor deveriam permanecer, ainda, por largo tempo, na Terra, na condição de males necessários à retificação das inteligências, o Benfeitor Celeste foi, acima de tudo, o orientador da transformação individual, o único movimento de liberação do espírito, com bases no esforço próprio e na renúncia ao próprio "eu".

Para isso, lutou, amou, serviu e sofreu até à cruz, confirmando, com o próprio

sacrifício, a sua Doutrina de revolução interior, quando disse: "e aquele que deseje fazer-se o maior no Reino do Céu, seja no mundo o servidor de todos".

* * *

JESUS E CÉSAR[21]

Que seria do Cristianismo se Jesus recorresse à proteção de César? Possivelmente, alguns patrícios simpáticos à nova doutrina se encarregariam da obtenção do alto favor. Legiões de soldados viriam garantir o Messias e os amigos do Evangelho alinhar-se-iam à força da espada, não mais de ouvidos espontâneos, mas com a atenção absorvida na postura oficial. Pedro e João, Tiago e Felipe adotariam certas normas de vestir, segundo os programas imperiais, e o próprio Cristo, naturalmente, não poderia ensinar as verdades do Céu, sem prévia audiência das autoridades convencionalistas da Terra. Provavelmente, o Mestre teria vencido exteriormente todos os adversários e dominaria o próprio Sinédrio.

Mas... e depois?

Sem dúvida, ter-se-ia fundado expressiva e bela organização político-religiosa, repleta de preceitos filosóficos, severos e regeneradores. Mateus teria envergado a túnica do escriba estilizado, enquanto Simão gozaria de honras especiais e o próprio Jesus passaria à condição de um Marco Aurélio, cheio de austeridade e nobreza, interessado em ensinar a justiça e a sabedoria, mas em cujo reinado se verificariam perseguições das mais terríveis e sangrentas ao Cristianismo, sem que as ocorrências dolorosas lhe merecessem consideração.

O Mestre, contudo, compreendia a necessidade das organizações humanas, exemplificou o respeito à ordem política, mas, acima de tudo, serviu ao Reino de Deus, de que era representante e portador, neste mundo de experiências provisórias, dirigindo seu Evangelho de Amor, não só ao homem físico, mas essencialmente ao homem espiritual.

Sabia Ele que as organizações religiosas, propriamente ditas, existiam entre as criaturas, muito antes dos templos de Baal. Urgia, porém, entregar aos filhos da Terra

a herança do Céu, integrá-los na doutrina viva do bem e da verdade, estabelecer caminhos entre a sombra e a luz, aperfeiçoar caracteres, purificar sentimentos, elevar corações, instituir a universidade do Reino de Deus e sua justiça. Entendia que a sua obra era de semeadura, germinação, crescimento, tempo e trabalho constante.

E plantou com o seu exemplo o Cristianismo sublime no campo da Humanidade, ensinando o acatamento a César, cooperando no aperfeiçoamento de suas obras, mas fazendo sentir que César constituía a autoridade respeitável no tempo, enquanto o Pai guarda o poder divino na eternidade.

Na exemplificação do Cristo, o Espiritismo evangélico, na sua condição de Cristianismo redivivo, deve procurar as suas diretrizes, edificantes no terreno da nova fé. As organizações políticas, de natureza superior, são sempre dignas e respeitáveis e todos os seguidores do Evangelho devem honrar-lhes os programas de realização e progresso coletivo, acatando-lhes as instituições e contribuindo para o seu

engrandecimento, na esfera evolutiva, mas não se pode exigir, da política de ordem humana, a solução dos problemas transcendentes de ordem espiritual.

Na atualidade do mundo, o Espiritismo é aquele Consolador prometido, enfeixando nova e bendita oportunidade de redenção. Em seu campo doutrinário, a verdade de Deus não está algemada, seus felizes estudantes e seguidores podem aquecer o coração ao sol da liberdade íntima, sem obstáculos na marcha da consciência para a realização divina.

Aos espiritistas dos tempos novos, portanto, surgem lições vivas, que não podem relegar ao esquecimento.

O sacerdócio organizado costuma ser o cadáver do profetismo. O culto externo nem sempre favorece a luz da revelação. A teologia, na maior parte das vezes, é o museu do Evangelho.

Urge, pois, em todas as circunstâncias, não olvidar Aquele que auxiliou romanos e judeus, atendendo ao povo e respeitando as autoridades, dando a César o que era de

César e a Deus o que é de Deus, ensinando, porém, que o seu reino ainda não é deste mundo.

O HERDEIRO DO PAI[22]

A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

PAULO (*Hebreus*, 1:2)

Cede aos poderes humanos respeitáveis o que lhes cabe por direito lógico da vida, mas não te esqueças de dar ao Senhor o que lhe pertence.

Esta fórmula conciliadora do Evangelho permanece, ainda, palpitante de interesse para o bem-estar do mundo.

Não convém concentrar em organizações mutáveis do Plano carnal todas as nossas esperanças e aspirações.

O homem interior renova-se diariamente. Por isso, a ciência que lhe atende as reclamações, nos minutos que passam, não é a mesma que o servia, nas horas que se foram, e a do futuro será muito diversa daquela que o auxilia no presente. A política do pretérito deu lugar à política das lutas

modernas. Ao triunfo sanguinolento dos mais fortes ao tempo da selvageria sem peias, seguiu-se a autocracia militarista. A força cedeu à autoridade, a autoridade ao direito. No setor das atividades religiosas, o esforço evolutivo não tem sido menor.

Em vista de semelhantes realidades, por que te apaixonas, com tanta veemência, por criaturas falíveis e programas transitórios?

Os homens de hoje, por mais veneráveis, são herdeiros dos homens de ontem, empenhados na luta gigantesca pela redenção de si mesmos. Poderão prometer maravilhosos reinados de abastança e paz, liberdade e harmonia, entretanto, não fugirão ao serviço de corrigenda dos erros que herdaram, não só daqueles que os antecederam, no campo dos compromissos coletivos, mas igualmente de suas próprias experiências passadas, em tenebrosos desvios do sentimento.

A civilização de agora é sucessora das civilizações que faliram.

As nações que se restauram aproveitam as nações que se desfizeram.

As organizações que surgem na atualidade guardam a herança das que desapareceram na voragem da discórdia e da tirania.

Examinando a fisionomia indisfarçável da verdade, como hipertrofiar o sentimento, definindo-te, em absoluto, por instituições terrestres que carecem, acima de tudo, de teu próprio auxílio espiritual?

Como pode a casa sem teto abrigar-te da intempérie? A planta do arranha-céu, inteligentemente traçada no pergaminho, ainda não é a construção mantenedora da legítima segurança.

Não existem, pois, razões que justifiquem os tormentos dos aprendizes do Cristo, angustiados pelas inquietudes políticas da hora que passa; semelhante estado d'alma é simples produto de inadvertência perigosa, porque todos devemos saber que os homens falíveis não podem erguer obras infalíveis e que compete a nós outros, partidários do Mestre, a posição de trabalhadores sinceros, chamados a servir e cooperar na obra paciente e longa, mas definitiva e eterna, daquele a quem o Pai "constituiu

herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo".

* * *

MENSAGENS DO ESPÍRITO HUMBERTO DE CAMPOS (IRMÃO X)

A CRISE ESPIRITUAL, FONTE DOS MALES ATUAIS[23]

– Mais verdade do que dinheiro, mais luz do que pão.

A VERDADEIRA CRISE DO MUNDO É UMA SÓ – A DE ORDEM ESPIRITUAL

A pergunta e a resposta que damos a seguir enquadram-se, sem dúvida, nas nossas considerações de acima.

Indagara o missivista:

– As nações estão vivendo um momento angustioso no terreno econômico. Qual a causa dessa crise que avassala o mundo?

Emmanuel respondeu assim:

"Estão acertadas, no seu julgamento, quantas encontram nas crises atuais, as

modalidades várias de uma crise única – a de ordem espiritual.

"Há por todo o canto o fermento revolucionário. Falece à política autoridade para organizar um programa que corresponda aos anseios gerais. A ciência, a cada passo, se encontra num turbilhão de perplexidade. As religiões criaram um Deus antropomórfico, pondo de lado o "Reino do Céu" para alcançarem, por quaisquer meios, o "Reino da Terra".

"A alma humana, dentro dessas vibrações antagônicas, perde-se num emaranhado de conjeturas e de sofrimentos.

* * *

OS ANSEIOS E A LUTA TENAZ DO ESPÍRITO COMO HÁ DOIS MIL ANOS[24]

– Observa-se em todos os setores dos trabalhos do mundo uma luta tenaz dos anseios do espírito que almeja paz e libertação.

"Há quase dois milênios, quando a civilização, simbolizada no poderio romano,

se entregava a todos os desregramentos e desvarios, fez-se ouvir a voz consoladora do Mestre, o Salvador esperado por muitos séculos de ansiedade e profecias.

"Sob a sua divina influência, uma transformação radical se operou dentro da civilização trabalhada pelos hábitos perniciosos. A sua vida sacrificada foi legada ao homem como o sublime modelo; sua palavra foi deixada no mundo como a lei áurea de liberdade das almas.

* * *

A CULMINÂNCIA DE HOJE - O APELO AOS SENTIMENTOS DA FRATERNIDADE CRISTÃ[25]

> Passado, porém, o arrebatamento da fé, novamente os abusos da maldade humana se fizeram sentir por toda a parte, e dos quais se observa, na atualidade, a culminância.

Todavia, ainda é para Jesus que os homens necessitam voltar os seus olhos. A missão do moderno espiritualismo é trazer a chave dos conhecimentos acerca dos seus grandes e inolvidáveis ensinamentos.

Enquanto não compreenderem os homens os seus deveres de fraternidade cristã, não há possibilidade de se evitarem as crises que assoberbam o mundo.

** *

MENSAGENS DO ESPÍRITO ANDRÉ LUIZ

PROCESSO REDENTOR[26]

[...].

A essa altura das lições que eu recebia em forma de palestra ligeira, enquanto nos movimentávamos em serviço, atingimos residência de aspecto simples, que se distinguia pelo jardim bem cuidado, em toda a volta.

– Temos, aqui, – disse-me, o instrutor, – indefesso companheiro de outras épocas, reencarnado em dolorosas condições. De algumas semanas para cá, assisto-lhe a mãezinha através de passes reconfortantes. Em virtude da horrível estrutura orgânica do filho, a ela encadeado há muitos séculos, a razão da pobrezinha está periclitando; prendem-se mutuamente

por grilhões de graves compromissos. Considerando-lhe o nobre costume da oração em horário prefixado, valemo-nos dessas ocasiões para vir-lhe em amparo.

Admirando a ordem instituída para os quefazeres de nosso Plano, e que transparecia nas mínimas ações, silenciosamente acompanhei Calderaro ao interior doméstico.

Em rápidos minutos achávamo-nos em pequena câmara, onde magro doentinho repousava, choramingando. Cercavam-no duas entidades tão infelizes quanto ele mesmo, pelo estranho aspecto que apresentavam. O menino enfermo inspirava piedade.

– É paralítico de nascença, primogênito de um casal aparentemente feliz, e conta oito anos na existência nova, – informou Calderaro, indicando-o; – não fala, não anda, não chega a sentar-se, vê muito mal, quase nada ouve da Esfera humana, psiquicamente, porém, tem a vida de um sentenciado sensível, a cumprir severa pena, lavrada, em verdade, por ele próprio. Há quase dois séculos, decretou a morte de

muitos compatriotas numa insurreição civil. Valeu-se da desordem político-administrativa para vingar-se de desafetos pessoais, semeando ódio e ruínas. Viveu nas regiões inferiores, apartado da carne, inomináveis suplícios. Inúmeras vítimas já lhe perdoaram os crimes; muitas, contudo, seguiram-no, obstinadas, anos afora... A malta, outrora densa, rareou pouco a pouco, até que se reduziu aos dois últimos inimigos, hoje em processo final de transformação. Com as lutas acremente vividas, em sombrias e dantescas furnas de sofrimento, o desgraçado aprestou-se para esta fase conclusiva de resgate; conseguiu, assim, a presente reencarnação com o propósito de completar a cura efetiva, em cujo processo se encontra, faz muitos anos.

A paisagem era triste e enternecedora. O doente, de ossos enfezados e carnes quase transparentes, pela idade deveria ser uma criança bela e feliz; ali, entretanto, se achava imóvel, a emitir gritos e sons guturais, próprios da esfera subumana.

Com o respeito devido à dor e com a observação imposta pela Ciência, verifiquei que

o pequeno paralítico mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados.

– Sim, o Espírito não retrocede em hipótese alguma, – explicou Calderaro; – todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo. Nosso desventurado amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Cercado de inimigos e desafetos, frutos da atividade criminosa a que se consagrou voluntariamente, permanece quase embotado pelas sombras resultantes dos seus tremendos erros. No campo consciencial, chora e debate-se, sob o aguilhão de reminiscências torturantes que lhe parecem intérminas; mas os sentidos, mesmo os de natureza física, mantêm-se obnubilados, à maneira de potências desequilibradas, sem rumo... Os pensamentos de revolta e de vingança, emitidos por todos aqueles aos quais deliberadamente ofendeu, vergastaram-lhe o corpo perispiritual por mais de cem

anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade, e o infeliz, distante do acesso à zona mais alta do ser, onde situamos o "castelo das noções superiores", em vão se debateu no "campo do esforço presente", isto é, à altura da região em que localizamos as energias motoras; é que os adversários implacáveis, apegando-se a ele, através da influência direta, compeliram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos; permitiu a Lei que assim acontecesse, naturalmente porque a conduta de nosso infortunado irmão fora igual à do jaguar que se aproveita da força para dominar e ferir. [18] Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo dos nossos destinos.

[...].

* * *

OUVINDO ELUCIDAÇÕES[27]

[...]

Grandes políticos e veneráveis condutores nunca se ausentaram do mundo.

Passam pela multidão, sacudindo-a ou arregimentando-a. É forçoso reconhecer, porém, que a organização humana, por si só, não atende às exigências do ser imperecível.

Péricles, o estadista que legou seu nome a um século, realiza edificante trabalho educativo, junto dos gregos; entretanto, não lhes atenua a belicosidade e os pruridos de hegemonia, sucumbindo ao assédio de aflitivo desgosto.

Alexandre, o conquistador, organiza vastíssimo império, estabelecendo uma civilização respeitável; no entanto, não impede que os seus generais prossigam em conflitos sanguinolentos, difundindo o saque e a morte.

Augusto, o Divino, unifica o Império Romano em sólidos alicerces, concretizando avançado programa político em benefício de todos os povos, mas não consegue banir de Roma o desvario pela dominação a qualquer preço.

Constantino, o Grande, advogado dos cristãos indefesos, oferece novo padrão de vida ao Planeta; contudo, não modifica as

disposições detestáveis de quantos guerreavam em nome de Deus.

Napoleão, o ditador, impõe novos métodos de progresso material, em toda a Terra; mas não se furta, ele próprio, às garras da tirania, pela simples ganância da posse.

Pasteur, o cientista, defende a saúde do corpo humano, devotando-se, abnegado, ao combate silencioso contra a selva microbiana; todavia, não pode evitar que seus contemporâneos se destruam reciprocamente em disputas incompreensíveis e cruéis.

Permanecemos diante de um mundo civilizado na superfície, que reclama não só a presença daqueles que ensinam o bem, mas principalmente daqueles que o praticam.

Sobre os mananciais da cultura, nos vales da Terra, é imprescindível que desçam as torrentes da compaixão do Céu, através dos montes do amor e da renúncia.

Cristo não brilha apenas pelo ensino sublimado. Resplandece na demonstração. Em companhia d'Ele, é indispensável

mantenhamos a coragem de amparar e salvar, descendo aos recessos do abismo.

[...]

Encarcerados ainda na lei de retorno, temos efetuado multisseculares recapitulações, por milênios consecutivos.

Expressando-nos coletivamente, sabemos hoje que o espírito humano lida com a razão há, precisamente, quarenta mil anos... Todavia, com o mesmo furioso ímpeto com que o homem de Neandertal aniquilava o companheiro, a golpes de sílex, o homem da atualidade, classificada de gloriosa era das grandes potências, extermina o próprio irmão a tiros de fuzil.

Os investigadores do raciocínio, ligeiramente tisnados de princípios religiosos, identificam tão somente, nessa anomalia sinistra, a renitência da imperfeição e da fragilidade da carne, como se a carne fosse permanente individuação diabólica, esquecidos de que a matéria mais densa não é senão o conjunto das vidas inferiores incontáveis, em processo de aprimoramento, crescimento e libertação.

Nos campos da Crosta Planetária, queda-se a inteligência, qual se fora anestesiada por perigosos narcóticos da ilusão; no entanto, auxiliá-la-emos a sentir e reconhecer que

Espírito permanece vibrando em todos os ângulos da existência.

[...].

– Mas... além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais que guardam ciosamente a alma encarnada, amparando-a com limitada visão e benéfico esquecimento, começa vasto império espiritual, vizinho dos homens. Aí se agitam milhões de Espíritos imperfeitos que partilham, com as criaturas terrenas, as condições de habitabilidade da Crosta do Mundo. Seres humanos, situados noutra faixa vibratória, apoiam-se na mente encarnada, através de falanges incontáveis, tão semiconscientes na responsabilidade e tão incompletas na virtude, quanto os próprios homens.

[...].

Frustrados em suas aspirações de vaidoso domínio no domicílio celestial, homens

e mulheres de todos os climas e de todas as civilizações, depois da morte, esbarram nessa região em que se prolongam as atividades terrenas e elegem o instinto de soberania sobre a Terra por única felicidade digna do impulso de conquistar. Rebelados filhos da Providência, tentam desacreditar a grandeza divina, estimulando o poder autocrático da inteligência insubmissa e orgulhosa e buscam preservar os Círculos terrestres para a dilatação indefinida do ódio e da revolta, da vaidade e da criminalidade, como se o Planeta, em sua expressão inferior, lhes fosse paraíso único, ainda não integralmente submetido a seus caprichos, em vista da permanente discórdia reinante entre eles mesmos. [...]

[...]

Um reino espiritual, dividido e atormentado, cerca a experiência humana, em todas as direções, intentando dilatar o domínio permanente da tirania e da força.

[...]

Dentro de semelhante realidade, toda a nossa atividade terrestre se desdobra num

campo de influências que nem mesmo nós, os aprendizes humanos em Círculos mais altos, poderíamos, por enquanto, determinar.

Incapacitados de prosseguir além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando, entre si, a dominação da Terra. [...].

[...]

Realmente, nunca faltou proteção do Céu aos tormentos que as almas endurecidas e ingratas semearam na Terra e os numes guardiães não se despreocupam dos tutelados; no entanto, seria ilógico e absurdo designar um anjo para custodiar criminosos.

Os homens encarnados, de maneira geral, permanecem cercados pelas escuras e degradantes irradiações de entidades imperfeitas e indecisas, quanto eles próprios, criaturas que lhes são invisíveis ao olhar, mas que lhes partilham a residência.

Em razão disso, o Planeta, por enquanto, ainda não passa de vasto crivo de

aprimoramento, ao qual somente os indivíduos excepcionalmente aperfeiçoados pelo próprio esforço conseguem escapar, na direção das Esferas sublimes.

[...].

Considerando semelhante situação, o Mestre Divino exclamou perante o juiz, em Jerusalém: "Por agora, o meu Reino não é daqui" e, pela mesma razão, Paulo de Tarso, depois de lutas angustiosas, escreve aos Efésios que "não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas e contra as hostes espirituais da maldade, nas próprias regiões celestes."

Além, pois, do reino humano, o império imenso das inteligências desencarnadas participa de contínuo no julgamento da Humanidade.

E entendendo a nossa condição de trabalhadores incompletos, detentores de velhas dificuldades e terríveis inibições, na ordem do aprimoramento iluminativo, cabe-nos preparar recursos de auxílio,

reconhecendo que a obra redentora é trabalho educativo por excelência.

[...].

Sem nosso esforço pessoal no bem, a obra regenerativa será adiada indefinidamente, compreendendo-se por precioso e indispensável nosso concurso fraterno para que irmãos nossos, provisoriamente impermeáveis no mal, se convertam aos Desígnios Divinos, aprendendo a utilizar os poderes da luz potencial de que são detentores. Somente o amor sentido, crido e vivido por nós provocará a eclosão dos raios de amor em nossos semelhantes. Sem polarizar as energias da alma na direção divina, ajustando-lhes o magnetismo ao Centro do Universo, todo programa de redenção é um conjunto de palavras, pecando pela improbabilidade flagrante.

* * *

MENSAGEM DO ESPÍRITO RUY BARBOSA

ORAÇÃO AO BRASIL[28]

Brasil! Quando os povos cultos e poderosos exibem o verbo da força pela boca

dos canhões, revivendo milenários estigmas da destruição e da morte, nós, os teus tutelados felizes, podemos exaltar-te o heroísmo silencioso. Adotaste-me por filho afortunado, quando te bati à porta acolhedora*, fugindo ao céu borrascoso e sombrio do Velho Mundo. Deixava, no fumo do pretérito, os impérios coroados de ouro, que alimentam a ignorância e a miséria com o baraço e o cutelo dos carrascos da liberdade; a truculência erguida em governo das nações, asfixiando o impulso generoso de comunidades progressistas; a tirania convertida em legalidade nos tronos de rapina; a mentira e a astúcia mascaradas de sacerdócio; a opressão inquisitorial dos perseguidores da fé livre, buscando perpetuar o negrume da Idade Média; a fábula impiedosa pretendendo orientar as letras sagradas, e, por fantasma erradio, a revolta, dominando cérebros e corações, para, mais tarde, arremeter de improviso aos gulosos comensais do poder.

Atravessei os pórticos do templo da fraternidade, que o teu clima de paz me

* Refere-se o mensageiro espiritual à reencarnação anterior, dele mesmo, no Brasil.

oferecia. Deslumbrado à luz de teu céu, ajoelhei-me ante o Cruzeiro resplandecente que te inspira, recordando o Divino Herói Crucificado. Aqui, o patíbulo não era o caminho dos sonhadores; o crime organizado não era a curul administrativa; as trevas das consciências não eram a expressão religiosa; o despotismo purpurado não era o refúgio à intolerância; o cativeiro das paixões inferiores não era a aristocracia da inteligência; o assassínio das opiniões não era a glória do feudalismo jactancioso; a violência não era segurança; a carnificina não era o brilho do mando; o sangue e o veneno, a prepotência e a traição não eram a galeria brilhante da política do terror; a fogueira não era o prêmio à investigação e à ciência; a condenação à morte não era o salário dos mais dignos.

O perfume da terra misturava-se à claridade do firmamento, e orei, agradecendo à Providência Divina o acesso aos teus celeiros de pão e de luz, de compreensão e de bondade. Em teus caminhos, rasgados pela renúncia de apóstolos anônimos, estampavam-se os rastros de todos os

corações que se haviam fundido, no crisol do amor sublime, para os teus primeiros dias de nacionalidade. Ouvi o cântico das três raças, que o trabalho, a simplicidade e o sofrimento consagraram para sempre em teu nascedouro, e recebi a honra de compartir o esforço de quantos te prelibaram a independência.

Por ti, em minha frágil estrutura de homem, amarguei os tormentos do operário e as angústias do orientador. E, enquanto te acompanhava os vagidos no berço da emancipação que conquistaste sem sangue, por ti fui quinhoado com a graça do desfavor e do exílio, para voltar, depois, à cabeceira do infante que te guiaria os destinos, durante meio século de probidade e sacrifício.** Lidador novamente sentenciado ao ostracismo, aguardei a morte, com a serenidade do servo consciente, feliz pela exação no cumprir seu dever e crente na tua destinação de Terra Prometida que o Rei Entronizado na Cruz estremece e amanhã. Sob a inspiração viva de teus dilatados horizontes de luz, jamais me alapei nas dobras

** Referência a D. Pedro II.

da pusilanimidade quando se me exigisse valor; jamais urdi a ficção, refugindo à realidade; jamais contubernei com a felonia contra a inocência. E ardendo no propósito de servir-te, no resgate de minúscula parcela do meu débito imenso, entranhei-me venturoso no labirinto da reencarnação, ideando contigo a pátria da renovação humana. Reconstituído o templo de carne, de cujo órgão se irradiariam as ondas do pensamento, devotei-me de novo ao culto de teu progresso incessante. Eu, que desfrutara o privilégio de sentar-me nas assembleias que te planejavam o grito libertador, assomei à tribuna de quantos te defendiam os ideais republicanos, filiando-te na legião dos povos cultos e determinadores.

Por ti, partilhei o governo, usei a autoridade, preservei a ordem, louvei o patriotismo, encareci a democracia e confundi-me com o povo, vivendo-lhe as expectativas e aspirações. À invocação de teu nome, e acima de todas as cogitações peculiares ao homem de Estado e ao filho honrado da plebe laboriosa, que eu fui, advoguei, em tua companhia, a causa da liberdade,

compreendendo o apostolado de amor universal com que subiste à tona da civilização. Nunca me honrei com aplausos e louros, que os não mereci, mas vigiei, quanto pude, na preparação de tua vitória, exercendo o ministério do direito a que te afeiçoaste, desde o sonho impreciso dos missionários expatriados que te marcaram as primeiras linhas de evolução, voltados para o esplendor da Igreja primitiva. Incorporando-te à essência de meu sangue e de meu ideal, confiei-me, – célula microscópica, – à tua grandeza imperecível e tomei assento nas lides da palavra e da pena, nos tribunais e nas praças, nos jornais e nos comícios, quase sempre sozinho, na guerra sem quartel daqueles que não conhecem o conselho dos generais, nem o apoio das baionetas. Por ti, suportei, orgulhoso, o peso de asfixiantes responsabilidades que me feriram os ombros e me iluminaram o coração, na evidência e na obscuridade, aprendendo e sofrendo contigo, na escola da igualdade, da tolerância e da justiça.

E agora, que a ciência mortífera grava transitória supremacia nos regimes,

estimulando a política da força pelo triunfo numérico; que a perversidade da inteligência lança o descrédito nos fundamentos morais do mundo; que a crise do caráter emite vagas negras de perturbação e desordem; que a toga desce da majestade dos seus princípios, para dourar os instintos da barbárie, nos tremendos conflitos internacionais que se agigantam no século; que a moral religiosa concorre ao pleito de dominação indébita, imergindo nas trevas da discórdia as consciências que lhe cabe dirigir; que a doutrina do sílex substitui os tratados nas guerras sem declaração; que os dogmas de todos os matizes se insinuam nas conquistas ideológicas da Humanidade, preconizando a mordaça e o obscurantismo – agora ponho meus olhos em teu vasto futuro...

Possa continuar ecoando em teus santuários e parlamentos, cidades e vilarejos, vales e montanhas, florestas e caminhos, a palavra imortal do Mestre da Galileia! Conserva a tua vocação de fraternidade, para que os mananciais da bênção divina jorrem luz e paz sobre a tua fronte

dignificada pelo esforço cristão na concórdia e na atividade fecunda. Guarda o teu augusto patrimônio de liberdade a distância de todos os gigantes do terror, dos deuses da carniça e dos gênios da brutalidade, que tentam ressuscitar os fósseis da tirania. Elege o trabalho por bússola do progresso e da ordem, porque de tuas arcas dadivosas manará novo alimento para o mundo irredimido. Templo de solidariedade humana, teu ministério de pacificação e redenção apenas começa... Novo hino será desferido por tua voz no coro das nações. Nem Atenas adornada de filósofos, nem Esparta pejada de guerreiros. Nem estátuas impassíveis, nem espadas contundentes. Nem Roma, nem Cartago. Nem senhores, nem escravos. Desdobrem-se, isto sim, em teu solo amoroso os ramos viridentes da Árvore do Evangelho, a cuja sombra inviolável se mitigue a sede multimilenar do homem fatigado e deprimido! Desfralda o estrelado pavilhão que te assinala os destinos e não te quebrantes à frente dos espetáculos cruentos, em que os povos desprevenidos da atualidade erguem cenotáfios e ossuários à própria grandeza. Descerra hospitaleiras

portas aos ideais da bondade construtiva, do perdão edificante, do ilimitado bem, porque somos em ti a família venturosa do Cristianismo restaurado, e, por amor, se necessário, mil vezes nos confundiremos no pó abençoado e anônimo dos teus caminhos floridos de esperança, empunhando o código da justiça para o exercício varonil do direito, emergindo das sombras da morte – celeiro sublime da vida renascente.

Grande Brasil! Berço de triunfos esplêndidos, aberto à glorificação do Cristo, seja Ele a tua inspiração redentora, o teu apoio infalível, a trave-mestra de tua segurança; e, enaltecendo o messianismo do teu povo fraterno, em cujo seio generoso se extinguem todos os ódios de raça e se expungem todas as fronteiras do separatismo destruidor, que o Mestre encontre no âmago de teu coração o sagrado pouso das Boas-Novas de Salvação, descendo, enfim, da cruz de nossa impenitência multissecular para conviver com a Humanidade terrestre, para sempre.

* * *

MENSAGEM DO ESPÍRITO G (UM POLÍTICO DESENCARNADO)

PRIMEIROS INSTANTES DE UM MORTO[29]

No horário reservado à instrução, na noite de 14 de julho de 1955, nosso conjunto recolheu expressiva mensagem do irmão G., inserta neste capitulo, em que nos informa quanto aos seus primeiros instantes na Vida Espiritual.

Cabe-nos esclarecer que o comunicante, político e administrador de méritos indiscutíveis, recentemente desencarnado, esteve antes em nossa casa de preces, sob a custódia dos amigos espirituais que lhe amparavam a recuperação necessária e justa.

Mostrava-se, então, enfermiço e indisposto, mas a breve tempo, retemperado e fortalecido, retornou ao nosso templo, onde nos forneceu as valiosas impressões que passamos a transcrever.

> Meus amigos:
> Recordando aquele rico da parábola evangélica que não obteve permissão para tornar ao círculo doméstico, depois da morte, compreendo hoje perfeitamente a justeza da proibição que lhe frustrou o propósito,

porque, sem sombra de dúvida, ninguém no mundo lhe daria crédito à palavra.

A experiência social na Terra vive tão distraída nos jogos de máscara, que a visita da verdade sem mescla, a qualquer agrupamento humano, por muito tempo ainda será francamente inoportuna.

Falando assim ao vosso mundo afetivo, não nutro o menor interesse em quebrar a cadeia de enganos a que se aprisionam meus antigos laços do coração.

Profundamente transformado, depois da grande travessia, em que o túmulo é o marco de nosso retorno à realidade, dirijo-me particularmente a vós outros, navegantes da fé no oceano da vida, para destacar a necessidade de valorização do tempo nos curtos dias de nossa permanência no corpo.

Para exemplo, recorro ao meu caso, já que, pelo concurso fraterno, ligastes-vos ao processo de minha renovação.

Como sabeis, qual ocorre à árvore doente, que tomba aos primeiros toques do lenhador, caí também, de imprevisto, ao primeiro golpe da Morte.

Industrial, administrador e homem público, em atividade intensa e incessante, não admitia que o sepulcro me requisitasse tão apressadamente à meditação.

A angina, porém, espreitava-me, vigilante, e fulminou-me sem que eu pudesse lutar.
Recordo-me de haver sido arremessado a uma espécie de sono que me não furtava a consciência e a lucidez, embora me aniquilasse os movimentos.
Incapaz de falar, ouvi os gritos dos meus e senti que mãos amigas me tateavam o peito, tentando debalde restituir-me a respiração.
Não posso precisar quantos minutos gastei na vertigem que me tomara de assalto, até que, em minha aflição por despertar, notei que a forma inerte me retomava a si, que minhalma entontecida regressava ao corpo pesado; no entanto, espessa cortina de sombra parecia interpor-se agora entre os meus afeiçoados e a minha palavra ressoante, que ninguém atendia...
Inexplicavelmente assombrado, em vão pedia socorro, mas acabei por resignar-me à ideia de que estava sendo vítima de estranho pesadelo, prestes a terminar.
Ainda assim, amedrontava-me a ausência de vitalidade e calor a que me via sentenciado.
Após alguns minutos de pavoroso conflito, que a palavra terrestre não consegue determinar, tive a impressão de que me aplicavam sacos de gelo aos pés.

Por mais verberasse contra semelhante medicação, o frio alcançava-me todo o corpo, até que não pude mais...
Aquilo valia por expulsão em regra.
Procurei libertar-me e vi-me fora do leito, leve e ágil, pensando, ouvindo e vendo...
Contudo, buscando afastar-me, reparei que um fio tênue de névoa branquicenta ligava minha cabeça móvel à minha cabeça inerte.
Indiscutivelmente delirava, – dizia de mim para comigo, – no entanto aquele sonho me dividia em duas personalidades distintas, não obstante guardar a noção de minha identidade, perfeita.
Apavorado, não conseguia maior afastamento da câmara íntima, reconhecendo, inquieto, que me vestiam caprichosamente a estátua de carne, a enregelar-se.
Dominava-me indizível receio.
Sensações de terror neutralizavam-me o raciocínio.
Mesmo assim, concentrei minhas forças na resistência.
Retomaria o corpo.
Lutaria por reaver-me.
O delíquio inesperado teria fim.
Contudo, escoavam-se as horas e, não obstante contrariado, vi-me exposto à visitação pública.

Mas oh! irrisão de meu novo caminho!...
Eu, que me sentia singularmente repartido, observei que todas as pessoas com acesso ao recinto, diante de mim, revelavam-se divididas em identidade de circunstâncias, porque, sem poder explicar o fenômeno, lhes escutava as palavras faladas e as palavras imaginadas.
Muitas diziam aos meus familiares em pranto:
– Meus pêsames! Perdemos um grande amigo...
E o pensamento se lhes esguichava da cabeça, atingindo-me como inexprimível jato de força elétrica, acentuando: – "Não tenho pesar algum, este homem deveria realmente morrer..."
Outras se enlaçavam aos amigos, e diziam com a boca:
– Meus sentimentos! O doutor G., morreu moço, muito moço.
E acrescentavam, refletindo: – "Morreu tarde... ainda bem que morreu... Velhaco! Deixou uma fortuna considerável... deve ter roubado excessivamente..."
Outras, ainda, comentavam junto à carcaça morta:
– Homem probo, homem justo!...
E falavam de si para consigo: – "Político ladrão e sem palavra! que a terra lhe seja leve e que o inferno o proteja!..."

Via-me salteado por interminável projeção de espinhos invisíveis a me espicaçarem o coração.
Torturado de vergonha, não sabia onde esconder-me.
Ainda assim, quisera protestar quanto às reprovações que me pareceram descabidas.
Realmente não fora o homem que devia ter sido, no entanto, até ali, vivera como o trabalhador interessado em quitar-se com os seus compromissos.
Não seria falta de caridade atacarem-me, assim, quando plenamente inabilitado a qualquer defensiva?
Por muito tempo, perdurava a conturbação, até que encontrei algum alívio...
Muitas crianças das escolas, que eu tanto desejaria ter ajudado, oravam agora junto a mim.
Velhos empregados das empresas em que eu transitara, e de cuja existência não cogitara com maior interesse, vinham trazer-me respeitosamente, com lágrimas nos olhos, a prece e o carinho de sincera emoção.
Antigos funcionários, fatigados e humildes, aos quais estimara de longe, ofertavam-me pensamentos de amor.
Alguns poucos amigos envolveram-me em pensamentos de paz.
Aquietei-me, resignado.

Doce bálsamo de reconhecimento acalmou-me a aflição e pude chorar, enfim...
Com o pranto, consegui encomendar-me à Bondade Infinita de Deus, respirando consolo e apaziguamento.
Humilhado, aguardei paciente as surpresas da nova situação.
Estava inegavelmente morto e vivo.
O catafalco não favorecia qualquer dúvida.
Curtia dolorosas indagações, quando, em dado instante, arrebataram-me o corpo.
Achava-me livre para pensar, mas preso aos despojos hirtos pelo estranho cordão que eu não podia compreender e, em razão disso, acompanhei o cortejo triste, cauteloso e desapontado.
Não valiam agora o carinho sincero e a devoção afetiva com que muitos braços amigos me acalentavam o ataúde...
A vizinhança do cemitério abalava a escassa confiança que passara a sustentar em mim mesmo.
O largo portão aberto, a contemplação dos túmulos à entrada e a multidão que me seguia, compacta, faziam-me estarrecer.
Tentei apoiar-me em velhos companheiros de ideal e de luta, mas o ambiente repleto de palavras vazias e orações pagas como que me acentuava a aflição e o desespero.

Senti-me fraquejar.
Clamei debalde por socorro, até que, com os primeiros punhados de terra atirados sobre o esquife, caí na sepultura acolhedora, sem qualquer noção de mim mesmo.
Apagara-se o conflito.
Tudo era agora letargo, abatimento, exaustão...
Por vários dias repousei, até que, ao clarão da verdade, reconheci que as tarefas do industrial e político haviam chegado a termo.
Apesar disso, porém, a certeza da vida que não morre levantara-me a esperança.
Antigas afeições surgiram, amparando-me a luta nova e, desse modo, voltou à condição do servidor anônimo o homem que talvez indebitamente se elevara no mundo aos postos de diretiva.
É assim que, em vos visitando, devo estimular-vos ao culto dos valores claros e certos.
Instalar a felicidade no próprio espírito, através da felicidade que pudermos edificar para os outros, é a única forma de encontrarmos a verdadeira felicidade.
Tenho hoje a convicção de que os patrimônios financeiros apenas agravam as responsabilidades da alma encarnada, e a política, presentemente, para mim se assemelha à tina d'água que agitamos em esforço

constante para vê-la sempre a mesma, em troca apenas do cansaço que nos impõe.
Todos os aparatos da experiência humana são sombras a se movimentarem nas telas passageiras da vida.
Só o bem permanece.
Só o bem que idealizamos e plasmamos é a luz que fica.
Assim pois, buscando o bem, roguemos a Deus nos esclareça e nos abençoe.

* * *

MÉDIUM: DIVALDO PEREIRA FRANCO

MENSAGENS DO ESPÍRITO JOANNA DE ÂNGELIS

CONFLITOS DEGENERATIVOS DA SOCIEDADE[30]

A crise de credibilidade, de confiança, de amor, instaura o estado conflitivo da personalidade que perde o roteiro, incapaz de definir o que é correto ou não, qual a forma de comportamento mais compatível com a época e, ao mesmo tempo, favorável ao bem-estar, anquilosando pessoas refratárias ao progresso nas ideias superadas

ou produzindo grupos rebeldes fadados à destruição, que se entregam à desordem, à contracultura, buscando sempre chocar, agredir.

Os grupos opostos se afastam, se armam e se agridem.

O homem ainda não aprendeu a ser solidário quando não concorda, preferindo ser solitário, ser opositor.

Certamente, a renovação é lei da vida.

Apoda faculta o ressurgimento do vegetal.

O fogo purifica os metais, permitindo-lhes a moldagem.

A argila submete-se ao oleiro.

A vida social é resultado das alterações sofridas pelo homem, seu elemento essencial.

É necessário, portanto, que se dê a transformação, a evolução dos conceitos, o engrandecimento dos valores. Para tal fim, às vezes, é preciso que ocorra a demolição das estratificações, do arcaico, do ultrapassado. Lamentavelmente, porém, nesta ação demolidora, a revolta contra o

passado, pretendendo apagar os vestígios do antigo, vai-lhe até as raízes, buscando extirpá-las.

O homem e a sociedade, sem raízes não sobrevivem.

No começo, o paganismo greco-romano era uma bela doutrina, rica de símbolos e significados, caracterizando o processo psicológico da evolução histórica do homem. O abuso, mais tarde, fê-lo degenerar e a Doutrina cristã se apresentou na forma de um corretivo eficaz, oportuno. A dosagem exagerada, porém, terminou por causar danos inesperados, no largo período da *noite medieval*, da qual algumas religiões contemporâneas ainda padecem os efeitos negativos.

O mesmo vem acontecendo com a sociedade que, para livrar-se das teias da hipocrisia, da hediondez, dos preconceitos, da vilania, da prepotência, elaborou códigos da liberdade, da igualdade, da fraternidade, em lutas sangrentas, ainda não considerados além das fórmulas teóricas e referências bombásticas, sem repercussão real no

organismo das comunidades humanas em sofrimento.

As recentes reações culturais contra a autenticidade da conduta têm produzido mais males que resultados positivos.

Em nome da evolução, sucedem-se as revoluções destrutivas que não oferecem nada capaz de preencher os espaços vazios que causam.

A insatisfação do indivíduo fustiga e perturba o grupo no qual ele se localiza, sendo expulso pela reação geral ou tornando-se um câncer em processo metastático. Facilmente o pessimista e o colérico contaminam os desatentos, passando-lhes o morbo do desânimo ou o fogo da irritação, a prejuízo geral.

Armam-se querelas desnecessárias, altera-se a filosofia dos partidos existentes, que se transferem para a agressividade, as acusações descabidas, sem trabalho à vista para a retificação dos erros, a reabilitação moral dos caídos, para o bem-estar coletivo.

Cada pequeno grupo dentro do grupo maior, sem consenso, busca atrapalhar a

ação do adversário, mesmo quando benéfica, porque deseja demonstrar-lhe a falência, movido pelos interesses personalistas, em detrimento do processo de estabilidade e crescimento de todos.

O personalismo se agiganta, as paixões servis se revelam, o idealismo cede lugar à vileza moral.

A predominância do egoísmo em a natureza humana faz-se responsável pelo caos em volta, no qual os conflitos degenerativos da sociedade campeiam.

Surgem as plataformas frágeis em favor do grupo desde que sob o comando e a alternativa única do ególatra, que alicia outros semelhantes, que se lhe acercam, igualmente ansiosos por sucessos que não merecem, mas que pleiteiam. Inseguros, incapazes de competir a *céu aberto*, honestamente, aguardam na furna da própria pequenez, por motivos verdadeiros ou não, para incendiarem o campo de ação alheia, longe dos objetivos nobres, porém reflexos dos seus estados íntimos conflituosos.

Não se tornam adversários leais, porque a inveja, antes, os fizera inimigos ocultos que aguardavam ensejo para desvelarem-se.

Face às distonias pessoais de que são portadores, decantam a necessidade do progresso da sociedade e bloqueiam-no com astúcia, a desarticulação de programas eficientes, antes de testados, atacando-os vilmente e aos seus portadores, a quem ferem pessoalmente, pela total impossibilidade de permanecerem no campo ideológico, já que não possuem idealismo.

Estimulam a dissensão, porque os seus conflitos não os auxiliam a cooperar, entretanto, os motivam a competir. Não podem trabalhar a favor, porque os seus estímulos somente funcionam quando se opõem.

Em razão da insegurança pessoal, desconfiam dos sentimentos alheios e provocam distúrbios que se originam em suspeitas injustificáveis, a soldo do prazer mórbido que os assinala..

O conflito íntimo é matriz cancerígena no organismo humano em constante ameaça ao grupo social.

Cabe ao homem em conflito revestir-se de coragem, resolvendo-se pelo trabalho de identificação das possibilidades que dispõe, ora soterradas nos porões da personalidade assustada. Sentindo-se incapaz de enfrentar-se, a busca de alguém capacitado a apontar-lhe o rumo e ajudá-lo a percorrê-lo, é tão urgente quão indispensável. Inúmeras terapias estão ao seu alcance, entre os técnicos da área especializada, assim como as da Psicologia Transpessoal apresentando-lhe a intercorrência de fatores paranormais e da Psicologia Espírita, aclarando-o com as luzes defluentes dos fenômenos obsessivos geradores dos problemas degenerativos no indivíduo e na sociedade.

O conglomerado social, por sua vez, tem o dever de auxiliar o homem em conflito, de ajudá-lo a administrar as suas fobias, ansiedades, traumas, e mesmo o de socorrê-lo nas expressões avançadas quando padecendo psicopatias diversas, em ética de sobrevivência do grupo, pois que, do contrário, através do alijamento de cada membro, quando vier a ocorrência se desarticulará o mecanismo de sustentação da grei.

Os conflitos degenerativos da sociedade tendem a desaparecer, especialmente, quando o homem, em se encontrando consigo mesmo, harmonize o seu cosmo individual (micro), colaborando para o equilíbrio do universo social (macro), no qual se movimenta.

* * *

CONSIDERANDO O PROBLEMA DA FOME[31]

Estatísticas apresentam as calamidades resultantes da fome, e os olhos do mundo se voltam para o futuro, receosos, estudando apressadas soluções...

A expectativa em termo da superpopulação do globo nos próximos decênios gera desequilíbrio, aflição...

Economistas e técnicos outros de várias estruturas do conhecimento examinam os prognósticos sombrios e encolhem os ombros...

Religiosos e pensadores, lamentando o crescimento exagerado da espécie humana, atemorizam-se, e falam com pessimismo sobre o amanhã...

Eugenistas, chamados à liça, e ginecologistas, ouvidos, sugerem, indiferentes, às altas personalidades que administram as nações, o controle da natalidade.

Cabidos e conclaves, congressos e concílios discutem a questão, e lentamente disseminam nas mentes e nos corações a falsa necessidade da limitação dos filhos, em audaciosos decretos de morte do presente para a Humanidade que não deseja permitir venha a nascer...

[...] E pretendem, alguns, desse modo, converter o amor nas suas bases sagradas através do matrimônio, em ingresso grosseiro no reino das emoções bastardas. No entanto, casais impossibilitados de procriar, monetariamente abastardos, submetem-se aos modernos processos de inseminação...

Estatísticas revelam, e o mundo se estarrece, com os elevados índices de criminalidade...

Atentados ao pudor, desrespeito aos direitos alheios, agressão à propriedade, assaltos, crimes à mão armada...

A delinquência juvenil cresce a cada minuto.

O desequilíbrio moral, por parte dos adultos, aumenta desgovernado.

Os crimes passionais entre pessoas idosas multiplicam-se, volumosos.

Selvageria, abastardamento do caráter e da inteligência, neuroses e psicoses atestam, em incontrolável desdobramento, a via calamitosa por onde segue o homem...

Educadores, psicólogos, analistas e assistentes sociais chamados a opinar, prescrevem, depois de exames minuciosos, com frieza, a necessidade de liberdade e educação.

O despovoamento dos campos, o superpovoamento das capitais e cidades litorâneas leva os detentores do poder econômico a investimentos de altos lucros, criando problemas de fome...

* * *

Há dois mil anos, no entanto, Jesus, o Educador por Excelência, prescreveu afável: "Amai-vos uns aos outros", e, como os homens olvidaram a fórmula eficaz para se manterem dignos, criando, em consequência, os lamentáveis problemas do presente,

o Espiritismo, que hoje revive o Divino Mestre e O traz no coração humano, também concita ao *amor* como a única terapêutica para todos os males da atualidade.

Há fome, sim, na Terra. Mais a mais elevada expressão da fome, hoje, como ontem, é a fome de amor.

Há crimes, sim, na Terra. Mas a causa da criminalidade exagerada, hoje mais do que ontem, provém da fome de amor.

Há guerra e dor, sim, na Terra. Mas por fome de amor. É a *fome do amor* que está levando o homem ao desespero...

O amor, e somente o amor, propicia construções eternais.

Controle da natalidade, pois, é crime diante da *Consciência Divina*, considerando que, através do amor, todos os problemas encontram solução e que, acima do nosso amor, o Amor de Nosso Pai, espalhado pelo Universo, que a tudo sustenta e vitaliza, vigilante, à hora própria intervém, equacionando todos os enigmas que o nosso limitado amor não consegue envolver...

* * *

MENSAGENS DO ESPÍRITO VIANNA DE CARVALHO

O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INTELECTUAL FOMENTARÁ NOVOS SISTEMAS POLÍTICOS?[32]

Certamente, o homem melhor, mais desenvolvido moral e intelectualmente, apoiado na tecnologia que o impulsiona para frente, criará sistemas políticos compatíveis com os ideais que abraça, as aspirações que acalenta e os labores que realiza.

A política tem sido instrumento mal utilizado por homens e mulheres ambiciosos, esquecidos dos valores éticos, salvadas as exceções compreensíveis.

Quando se entenda que a política é poderoso instrumento de construção da sociedade, e se esteja moralmente adiantado para colocar em plano secundário os interesses pessoais, zelando pelos coletivos, serão criados novos sistemas e métodos de trabalho que elaborarão regimes justos e nobres, que atendam as necessidades do povo, sempre preterido, desrespeitado e oprimido através da História.

* * *

É CONSTITUCIONALMENTE VIÁVEL O LIBERALISMO POLÍTICO COM ECONOMIA DIRIGIDA AOS INTERESSES DA MAIORIA FAMINTA?[33]

Quando os interesses dos grupos dominantes cederem em benefício das necessidades gerais, se poderão elaborar estudos e programas políticos liberais, constitucionalmente voltados para atender a grande maioria que padece fome e outras carências que podem ser diminuídas.

* * *

É POSSÍVEL O FORTALECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E A REDUÇÃO OU ELIMINAÇÃO DOS DESAJUSTES ATRAVÉS DA REVISÃO DOS SISTEMAS POLÍTICOS, JURÍDICOS E ECONÔMICOS?[34]

Naturalmente, havendo uma revisão dos sistemas políticos – mediante ajustamento dos seus conteúdos às necessidade reais das massas, em detrimento dos interesses apaixonados do partidarismo e de suas negociações nem sempre dignas –; jurídicos – por meio de Leis justas, que objetivem

atender as imposições do progresso, sem falhas que, habitualmente, são detectadas, mas, raramente alteradas, porque servem, para conciliar as dominações farisaicas de grupos privilegiados, quase nunca alcançados pela Justiça –; econômicos – abrindo-se campo de trabalho para todos, com os consequentes direitos de repouso, recreação, saúde e educação, que devem viger em todos os sistemas humanos dignos – ocorrerá diminuição e, a passo largo, a eliminação dos desajustes que fazem parte dos grupamentos humanos em sociedade. (Destacamos).

É certo que tal ocorrência somente se tornará factível quando o homem se fizer melhor interiormente, trabalhando-se com afinco e estabelecendo metas de engrandecimento moral mediante as quais despertará para valores reais da vida, e, portanto, para a solidariedade, amor e justiça.

* * *

VALE A PENA MUDAR OS REGIMES SOCIOECONÔMICO, SOCIOPOLÍTICO DO PAÍS, ALTERANDO O QUADRO DE

MISÉRIA, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL, ENQUANTO A MAIORIA DAS PESSOAS CONTINUA ESCRAVA DE PRECONCEITOS, DE INDIVIDUALISMO E ATITUDES EGOÍSTAS?[35]

Enquanto não sejam estabelecidas Leis justas, que objetivem combater a miséria socioeconômica – que decorre do egoísmo, esse grande gerador da miséria moral – será impossível diminuir o sofrimento de milhões de seres que padecem escassez quase absoluta do necessário para uma existência digna, ou pelo menos suportável nas atuais condições de vida na Terra.

Somente, portanto, através de uma mudança de regime, sociopolítico e socioeconômico, é que se poderão criar condições dignificantes para o ser humano, a fim de que o mesmo se liberte da desagregação perversa, conforme vem ocorrendo em inúmeros setores da sociedade.

Em uma cultura que se apresenta como responsável pelo desenvolvimento da civilização não pode existir a miséria econômica; não há lugar para a presença da fome, do desemprego, do abandono moral e social a que são relegados os pobres, que

estorcegam nos guetos de sofrimentos a que são atirados.

* * *

PARA O TERCEIRO MILÊNIO, NÃO SE TORNA CADA VEZ MAIS PREMENTE FALARMOS DE ANALFABETISMO POLÍTICO, ANALFABETISMO ESPIRITUAL, DO QUE DE ANALFABETISMO DE LEITURA E ESCRITA?[36]

Sem dúvida, a ignorância é o grande inimigo do ser humano. Seja ele desconhecido dos valores espirituais, que são a base de formação da vida sob quaisquer aspectos considerada ou de outra forma de entendimento, de que depende para o desenvolvimento intelecto-moral, sem o que permanece nas faixas mais primárias do processo de crescimento. Assim sendo, a pior ignorância é a que decorre do desconhecimento das Leis de Deus que regem o Universo, da sua realidade de Espírito imortal, dos compromissos que se tem em relação à vida, ao seu próximo e a si mesmo. Os outros são consequência inevitável desse primeiro, mais importante e mais urgente. Brutalizado, o ser estertora no analfabetismo em relação às Letras e às Artes, à

beleza e aos deveres. Não obstante, existem casos em que, analfabeto, no tange às questões intelectuais, o Espírito em prova possui ínsito o discernimento que auxilia a reparar os males causados anteriormente e a crescer nas novas experiências.

Conhecedor dos seus deveres e direitos espirituais, ele se socializa e adquire capacidade política, a fim de contribuir em favor da evolução da Humanidade, conquistando, de forma consciente, a sua cidadania.

* * *

VÁRIOS REVOLUCIONÁRIOS PREGARAM MUDANÇAS SOCIAIS, JUSTIÇA SOCIAL, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA, IGUALDADE ENTRE OS HOMENS ETC. NÃO SERIA UM PARADOXO CONSTATAR-SE QUE OS MOVIMENTOS QUE MAIS TRATARAM DE IGUALDADE E JUSTIÇA FORAM BASEADOS NUMA VISÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA E DA REALIDADE? UM DOS DEFENSORES DA JUSTIÇA SOCIAL, DE KARL MAX, ERA REVOLUCIONÁRIO MATERIALISTA. SERIA POSSÍVEL SEGUIR A DOUTRINA ESPÍRIA SEM ABRIR MÃO DE ALGUNS CONCEITOS MARXISTAS (LUTAS DE CLASSES, ALIENAÇÃO DO TRABALHADOR, MODO DE PRODUÇÃO, MAIS-VALIA, ENTRE

OUTROS), OU O MARXISMO SERIA UMA BOA EXPLICAÇÃO PARA AS DIFERENÇAS IMPOSTAS PELOS PROCESSOS REENCARNATÓRIOS?[37]

Infelizmente, o egoísmo, essa terrível chaga da Humanidade, que um dia há de desaparecer da Terra, tem sido o grande responsável pelas misérias humanas. Não obstante as religiões preconizarem o amor e demonstrarem que o mesmo é a única solução para os magnos problemas existenciais, sociais e humanos, a sua prática, nessas diferentes doutrinas, tem sido essencialmente caracterizada pela sua ausência, pela crueldade, pelos crimes hediondos, de modo que cada qual exerça sobre as demais uma predominância injustificável. Falindo nos seus objetivos mais elevados, que são os de dignificar o ser humano e conduzi-lo com segurança no rumo da felicidade, as organizações religiosas têm se ligado aos Estados, a fim de sobreviverem, tomando as rédeas do poder em suas mãos vigorosas e vivendo os seus adeptos distanciados dos seus ensinamentos libertadores. Como consequência, incontáveis homens idealistas, decepcionados com a conduta dos

religiosos, abdicaram da fé cega e irracional, adotando o comportamento materialista, tomados de paixão ardorosa pela tentativa de solucionarem os terríveis problemas sociais, econômicos e morais. Sem os estímulos nem a segurança de uma fé religiosa racional, infelizmente, descambam, também, por sua vez, em outra ordem de crimes, tornando-se cruéis e destruidores, procurando justificar os meios ignóbeis que usam para verem triunfar os seus objetivos com a perspectiva de que desejam fins nobres. Nunca, porém, os instrumentos do terror podem servir de mecanismos dignos para serem alcançados resultados felizes.

Através do Espiritismo, que conclama o homem à responsabilidade, é factível estabelecer-se a justiça social, evitando-se as lutas de classes com mão armada, a alienação do trabalhador, dando-lhe dignidade, facultando-lhe estímulos para progredir através de maior e melhor produção, sem que se torne necessário viés de maior e melhor produção, sem que se torne necessário induzi-lo à derrubada dos dominadores de

um momento, de forma que surjam futuros títeres conforme tem ocorrido.

O marxismo seria uma proposta socioeconômica feliz, não se assentasse no materialismo dialético, cuja eficiência ficou falida na recente experiência dos países do bloco soviético como de outros Estados.

Através dos mecanismos da reencarnação os fenômenos sociais e econômicos se harmonizarão, porque o homem compreenderá, por fim, que mediante a forma como semear, assim colherá, e somente através de uma conduta compatível com o amor. Em regime de consciência de si mesmo, é que logrará transformar-se, alterando para melhor a sociedade na qual se encontra.

* * *

MENSAGEM DO ESPÍRITO MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA

ORGANIZAÇÕES DO MAL[38]

Transferidos do corpo somático para a Erraticidade inferior, os Espíritos perversos

e cruéis desde há milênios, dominados pelo primarismo que os caracteriza, vêm criando Organizações do Mal, nas quais se homiziam aqueles que se demoram no ódio e no rancor, em alucinadas tentativas de combater o programa do Bem na Terra.

Enlouquecidos pelos propósitos inferiores que agasalham, investem contra todas as atividades de enobrecimento que objetivam conduzir o planeta a um estágio mais elevado, ao mesmo tempo, combatendo com vigor e crueza aqueles que se transformam em instrumentos superiores da Vida.

Tornando-se adversários voluntários da edificação do Reino dos Céus na Terra, a sua tem sido a luta inglória e sem possibilidade de êxito a que se atiraram através dos tempos, renascendo em grupos de sicários da Humanidade e desencarnando até quando o amor compassivo de Deus os recambia às expiações dolorosas e reeducadoras.

Os missionários e apóstolos de todas as épocas sofreram-lhes a pertinácia, não havendo sido exceção os guias do

pensamento, da arte, do conhecimento, da ciência, dos diversos ramos do conhecimento humano.

Não poucos tombaram nas suas ciladas odientas, sucumbindo antes de cumprirem o ministério para o qual vieram. Muitos enlouqueceram sob a rudeza e constância da sua inspiração infeliz. Inumeráveis se deixaram arrastar a situações indignas, derrapando em conúbios hediondos de vulgaridade ou se tornando algozes da sociedade, de grupos, de pessoas que lhes caíram desprevenidas nas mãos...

Acreditando-se poderosos, esses Espíritos do mal, ainda doentes e ignorantes da supremacia das Leis, procuram competir com Deus ou com Jesus, que detestam, sem que se deem conta de que estão incluídos nos desígnios sublimes da evolução e que as suas possibilidades são relativas ao grau de inferioridade dos seres humanos com os quais intercambiam.

Pensando realizar o que lhes apraz, não obstante são instrumentos da Justiça Divina, fazendo que se ajustem aos deveres

muitos outros Espíritos igualmente doentes, que já se encontram em fase de recuperação e crescimento interior. Certamente o Pai não necessita de semelhante concurso, em razão dos incomparáveis recursos de que dispõe; todavia, porque se prestam a tal mister, realizam, sem que o percebam, os objetivos superiores da Criação.

Dessas Organizações saíram homens e mulheres que fomentaram guerras, intrigas sórdidas, crimes hediondos, realizando no planeta a materialização de Instituições e Partidos voltados para o mal, de Entidades e Movimentos que assinalaram o processo terrestre com as marcas da crueldade, da anarquia, do absurdo sofrimento imposto aos demais seres...

Assinalados pelo desequilíbrio em que se asfixiam, transferem para os seres humanos reencarnados, que invejam e malquerem, os dardos do ódio e da tirania, trabalhando com assiduidade na sevícia que pretendem aplicar em todos aqueles que estão distantes do seu infame contato.

A criatura humana não se encontra sem a proteção de Mais Alto, ficando à mercê da perversidade desses algozes espirituais inditosos. Sucede, porém, que a hipnose da matéria faz que haja maior soma de afinidade com o egoísmo e seus sequazes, do que com o amor e seus cômpares, sintonizando com as faixas grosseiras do Mundo Espiritual e os seus habitantes.

São os considerados demônios ou satanases das lições evangélicas, as forças do mal, a sombra que acompanha o ser, o negativo da vida, os obsessores... Todos os Espíritos criados por Deus, ainda afeiçoados ao crime e à desídia, transitoriamente aguardando a oportunidade de crescimento no rumo da Grande Luz que a todos nos atrai.

Cultores, incontáveis, da inteligência e do raciocínio rápido, não desenvolveram os sentimentos que dão valor ao conhecimento, permanecendo nas áreas do processo evolutivo sem emotividade, portanto, dominados pelos propósitos inferiores que demonstram o absurdo da cultura que se divorciou dos valores éticos ensandecendo-os.

Hábeis na arte brutal de confundir e de perturbar o raciocínio daqueles que se lhes vinculam, são geradores de polêmicas inúteis ou grosseiras, nas quais predominam a agressividade e até mesmo o crime como forma de desforço pessoal, imiscuem-se psiquicamente nos grupamentos humanos, dando força ao desequilíbrio que destrói as mais belas edificações da fraternidade e da esperança, graças, porém, àqueles que lhes dão guarida.

Reencarnam-se muitos periodicamente para se tornarem a chibata que zurze o sofrimento sobre o dorso da Humanidade, enquanto outros se demoram multissecularmente nas paisagens sombrias e terríveis onde estagiam.

Organizam-se com imensa astúcia, arrebanhando outros recém-desencarnados para os seus grupamentos, nos quais a hipnose e os métodos persuasivos mais vigorosos são utilizados para dominar mentes e sentimentos que passam a servi-los com submissão.

Em face dos recursos mentais de que dispõem e da perseverança nos propósitos soezes que mantêm, acompanham

os idealistas e servidores da Verdade com planos macabros que esperam converter em realidade, acalentando o desejo de eliminá-los a qualquer preço. Dispondo de outra dimensão de tempo aguardam que as suas vítimas em potencial depereçam no ânimo, experimentem desencanto, sofram circunstâncias menos felizes, provem da taça da amargura ou do desprazer, se apresentem enfermas ou fragilizadas para as influenciarem, criando situações embaraçosas umas e falsas outras, assim afastando-as dos compromissos assumidos e caindo nas malhas das redes da sua astúcia.

Utilizam-se de todos os motivos ou agem mesmo que sem motivo algum, desde que possam levar adiante o infame projeto de combate contra o Amor Total, insinuando-se, atirando pessoas inescrupulosas contra os heróis da bondade e do esforço moral, recrutam indivíduos de má índole para os sitiarem, usam de métodos sórdidos para envolvê-los, produzindo psicosfera pestífera que asfixia quem se permite entrar em sintonia com as suas sutis insinuações.

Suavemente ou pela violência atiram-se contra aqueles que consideram inimigos, que devem ser vencidos, e acreditam insanamente na vitória que esperam conseguir.

Ninguém se acredite isento desse sítio nefando das Organizações do mal, que procedem da Erraticidade inferior.

Analisando as próprias deficiências, o discípulo do Evangelho e servidor da Verdade, ou o idealista que ambiciona tornar melhor o mundo, mantenha-se em vigília constante, a fim de não ser fascinado pelo canto mentiroso das suas sugestões falsas, que são o início da tormenta que logo mais desabará.

Precatem-se na oração e na ação da caridade, vivenciem o perdão e a fraternidade, cultivem o amor e a tolerância, resguardando-se das insinuações da maledicência, do ressentimento, do amor-próprio ferido, do melindre, de todos esses facínoras morais que permanecem na natureza humana, observando as nascentes do coração, e, sem desanimar nunca, avancem, os trabalhadores de Jesus, convidados à sua seara nesta

última hora, absolutamente confiantes no êxito da reencarnação na qual se encontram.

O Bem é sempre o grande vencedor.

Jesus é o Herói da cruz e da crueldade.

Ensinou-nos, em advertência, a pedir ao Pai que nos livre do mal, que reside em nós ou que vem atraído por nós, a fim de conseguirmos alcançar o Calvário libertador que se coroará de luzes, após vencida a etapa do processo evolutivo em que todos nos encontramos.

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na noite de 8 de fevereiro de 2002, em reunião mediúnica do Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

* * *

MÉDIUM: WALDO VIEIRA

MENSAGENS DO ESPÍRITO ANDRÉ LUIZ

NOS EMBATES POLÍTICOS[39]

Situar em posição clara e definida as aspirações sociais e os ideais espíritas cristãos, sem confundir os interesses de César com os deveres para com o Senhor.

Só o Espírito possui eternidade.

Distanciar-se do partidarismo extremado.

Paixão em campo, sombra em torno.

Em nenhuma oportunidade, transformar a tribuna espírita em palanque de propaganda política, nem mesmo com sutilezas comovedoras em nome da caridade.

O despistamento favorece a dominação do mal.

Cumprir os deveres de cidadão e eleitor, escolhendo os candidatos aos postos eletivos, segundo os ditames da própria consciência, sem, contudo, enlear-se nas malhas do fanatismo de grei.

O discernimento é caminho para o acerto.

Repelir acordos políticos que, com o empenho da consciência individual, pretextem defender os princípios doutrinários ou aliciar prestígio social para a Doutrina, em troca de votos ou solidariedade a partidos e candidatos.

O Espiritismo não pactua com interesses puramente terrenos.

Não comerciar com o voto dos companheiros de Ideal, sobre quem a sua palavra ou cooperação possam exercer alguma influência.

A fé nunca será produto para o mercado humano.

Por nenhum pretexto, condenar aqueles que se acham investidos com responsabilidades administrativas de interesse público, mas sim orar em favor deles, a fim de que se desincumbam satisfatoriamente dos compromissos assumidos.

Para que o bem se faça, é preciso que o auxílio da prece se contraponha ao látego da crítica.

Impedir palestras e discussões de ordem política nas sedes das instituições

doutrinárias, não olvidando que o serviço de evangelização é tarefa essencial.

A rigor, não há representantes oficiais do Espiritismo em setor algum da política humana.

Nenhum servo pode servir a dois senhores. Jesus (*Lucas,* 16:13)

* * *

PERANTE A PÁTRIA[40]

Ser útil e reconhecido à Nação que o afaga por filho, cumprindo rigorosamente os deveres que lhe tocam na vida de cidadão.

Somos devedores insolventes do berço que nos acolhe.

No desdobramento das tarefas doutrinárias – e salvaguardando os patrimônios morais da Doutrina –, somente recorrer aos tribunais humanos em casos prementes e especialíssimos.

Prestigiando embora a justiça do mundo, não podemos esquecer a incorruptibilidade da Justiça Divina.

Situar sempre os privilégios individuais aquém das reivindicações coletivas, em todos os setores.

Ergue-se a felicidade imperecível, de todos, do pedestal da renúncia de cada um.

Cooperar com os poderes constituídos e as organizações oficiais, empenhando-se desinteressadamente na melhoria das condições da máquina governamental, no âmbito dos próprios recursos.

Um ato simples de ajuda pessoal fala mais alto que toda crítica.

Quando chamado a depor nos tribunais terrestres de julgamento, pautar-se em harmonia com os princípios evangélicos, compreendendo, porém, que os irmãos incursos em teor elevado de delinquência necessitam, muitas vezes, de justa segregação para tratamento moral, quanto os enfermos graves requisitam hospitalização para o devido tratamento.

Diante das Leis Divinas, somos juízes de nós mesmos.

Nunca adiar o cumprimento de obrigações para com o Estado, referendando os elevados princípios que ele esposa, buscando a quitação com o serviço militar, mesmo quando chamado a integrar as forças ativas da guerra.

Os percalços da vida surgem para cada Espírito segundo as exigências dos próprios débitos.

Expressar o patriotismo, acima de tudo, em serviço desinteressado e constante ao povo e ao solo em que nasceu.

A Pátria é o ar e o pão, o templo e a escola, o lar e o seio de mãe.

Substancializar a contribuição pessoal ao Estado, através da execução rigorosa das obrigações que lhe cabem na esfera comum.

O genuíno amor à Pátria, longe de ser demagogia, é serviço proveitoso e incessante.

"Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."
Jesus (*Lucas*, 20:25)

REFERÊNCIAS

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 1. ed. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes: 2000. Verbete: Política, p. 773.

2. _____. _____. p. 773 -774.

3. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos.* Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2021.Q. 875, p.375.

4. _____. _____. Q. 875-a, p. 376.

5. _____. _____. Q. 876, p. 376.

6. _____. _____. Q. 886, p. 379 .

7. _____. *Revista Espírita.* Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano XI – Julho de 1868, n. 7, p. 293-300.

8. _____. Agosto de 1868, n. 8, p. 334-337.

9. _____. *O evangelho segundo o espiritismo.* Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2021. Cap. XVII. It. 9, p. 233-234.

10. _____. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2019. Pri-

meira Parte. Cap. Liberdade, igualdade e fraternidade, p. 211-214.

11. _____. _____. Cap. As aristocracias, 215-220.

12. _____. *Revista Espírita.* Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano IV – Outubro de 1861, n. 10, p. 432-433; 436-437.

13. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. Cap. 59, p. 131-132.

14. _____. *O consolador.* Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. Q. 60, p.45-46.

15. _____. _____. Q. 65, p. 49.

16. _____. _____. Q. 57, p. 43-44.

17. _____. *Dinheiro.* Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. 2. imp. Araras: IDE, 2016. Cap. 8, p. 43-45.

18. _____. *Pão nosso.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020.Cap. 102, p.217-218.

19. _____. *Alma e luz;* Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. Araras: IDE, 2018. Cap. Política, p.85.

20. _____. *Roteiro.* Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2019. Cap. 15, p.67-69.

21. _____. *Coletânea do além.* Por diversos Espíritos. 3. ed. São Paulo: FEESP, 2001. Cap. Jesus e César (mensagem de Emmanuel), p.53-55.

22. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. Cap. 148, p. 313-314.

23. _____. *Palavras do infinito*. Pelo Espírito Humberto de Campos. (Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, em 24 de junho de 1935). 5. ed. São Paulo: LAKE, 1978, p.95-96.

24. _____. _____. p.96.

25. _____. _____. p.97.

26. XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2020. Cap. 7, p.101-104.

27. _____. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2023. Cap. 1, p. 15-16; 17-20; 23-25.

28. _____. *Falando à terra.* Por diversos Espíritos. 3. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1974. Cap. Oração ao Brasil (mensagem de Ruy Barbosa), p.11-16.

29. _____. *Vozes do grande além*. Mensagens psicofônicas de vários Espíritos, recebidos no Grupo "Meimei". Organizado por Arnaldo Rocha. 6. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. Cap. (mensagem do Espírito G.), p. 27-34.

30. FRANCO, Divaldo Pereira. *O homem integral*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador: LEAL, 1990. Cap. 4. It. Conflitos degenerativos da sociedade, p. 66-70.

31. _____. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Edição comemorativa de 50 anos – 1965-201. Salvador: LEAL, 2015. Cap. 48, p. 195-197.

32. _____. *Atualidade do pensamento espírita*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. 1. ed. Salvador: LEAL, 1999. Cap. 1. It. 1.2 – Política. Q. 21, p. 38-39.

33. _____. _____. Q. 22, p. 39.

34. _____. _____. Q. 23, p. 39-40.

35. _____. _____. Q. 24, p. 40.

36. _____. _____. Q. 25, p. 41.

37. _____. _____. It. 1.3- Socialismo. Q. 26, p. 41-43.

38. _____. *Organizações do mal*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Reformador. Ano 135, n. 2.263. Outubro de 2017. p. 7-9 (581-583).

39. VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 32. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2012. Cap. 10, p. 35-36.

40. _____. _____. Cap. 31, p. 85-86.

)

www.febeditora.com.br

/febeditora /febeditoraoficial /febeditora

Conselho Editorial:
Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção editorial:
Elizabete de Jesus Moreira

Revisão:
FEB Editora

Organização:
Marta Antunes de Oliveira de Moura

Capa:
Diego Feitosa

Projeto Gráfico e Diagramação:
Rones José Silvano de Lima – instagram.com/bookebooks_designer

Foto de capa:
pixabay.com/users/susannp4-1777190
istockphoto.com/portfolio/manuel-f-o

Normalização Técnica:
Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Federação
Espírita
Brasileira

www.febnet.org.br